Desemprêgo no Setor Bancário: Represalia Dos Patrões Contra Vitórias da Classe

Texto na 2ª página

Batalha Contra Fome: «Rush» na GB Começa Quando Chegar o Trem da Carestia

Texto na 2ª página

Missão Contra o Brasil

Orlando Bomfim Jr.

Passado o carnaval, as máscaras que não são retiradas vão caindo. Mesmo através apenas das notícias tornadas públicas, sem necessidade de maiores interpretações ou de informações de bastidores, já se torna evidente o que vai ser negociado pela missão San Tiago Dantas em Washington.

Cai por terra tôda a camuflagem empregada pelo Govêrno na tentativa de impingir como inspiradas nos interêsses nacionais as negociatas com a IT&T e a Bond and Share e a orientação de sua política econômico-financeira, que as medidas previstas no Plano Trienal concretizam. A verdade agora está aparecendo de maneira a ser fàcilmente reconhecida. Tudo foi feito com o nítido objetivo de atender às exigências espoliadoras dos monopolistas norte-americanos. Seriam concessões prévias, no terreno econômico, para preparar a viagem do ministro da Fazenda.

Já se disse que, sob êsse aspecto, a conduta do govêrno brasileiro teve o indiscutível caráter de uma capitulação. E como se desenrolaram os acontecimentos, depois dessa conduta vergonhosa? Surgiram as exigências também no terreno político. E só a má-fé ou o mais absurdo desconhecimento do que quer e de como age o imperialismo poderia admitir que isso não ocorresse.

O govêrno dos Estados Unidos está pressionando em dois sentidos principais. Exige mudanças em nossa política externa, particularmente no que diz respeito a Cuba, e um "expurgo" nos quadros da alta administração brasileira, com a destituição dos "elementos antinorte-americanos ou filocomunistas".

Acaba de ser denunciado à ONU, pelo ministro Raul Roa, que Kennedy está empenhado em preparativos de agressão à ilha de Fidel Castro, intensificando-se nos últimos dias a provocação de incidentes, transformada a base de Guantánamo num covil de espiões, sabotadores e contra-revolucionários. Quer então o govêrno ianque assegurar desde já que o Brasil, abandonando a defesa dos princípios de não-intervenção e de autodeterminação dos povos, passe a compactuar com o crime em preparo. E já se divulga mesmo que o govêrno ianque tem também em vista, diante da situação periclitante de Bettancourt, afastar qualquer oposição do govêrno brasileiro a uma ocupação da Bolívia pelos Estados Unidos, no caso de vitória das fôrças revolucionárias.

Durante três horas, na última têrça-feira, o embaixador Lincoln Gordon falou, na Subcomissão de Atividades Antiamericanas da Câmara de Representantes de Washington, sôbre a "subversão comunista e fidelista no Brasil". Abordou, segundo suas próprias palavras, todos os aspectos das relações entre nosso país e os Estados Unidos. Dizem as agências que as declarações de mr. Gordon exercerão "efeito indireto" nas próximas negociações econômicas com a missão San Tiago Dantas. E se referem à preocupação do Congresso dos Estados Unidos com os obstáculos em trabalhar com "elementos extremistas" do govêrno brasileiro. Haverá dificuldade em perceber qual será êsse "efeito indireto"?

Não pode, assim, existir nenhuma dúvida quanto às imposições do govêrno norte-americano. Pelo que se sabe, o govêrno brasileiro, após a capitulação no terreno econômico, já realiza negociações em tôrno das exigências ianques no terreno político. A luta, pois, contra as negociatas com a IT&T e a Bond and Share se liga à luta contra qualquer concessão da missão San Tiago Dantas no terreno político, em defesa dos aspectos positivos de nossa política externa, dos princípios de não-intervenção e de autodeterminação dos povos, da autonomia do povo cubano. A partida do ministro da Fazenda está anunciada para o próximo dia 9. Sem perda de um minuto, torna-se imperioso que tôdas as fôrças patrióticas se unam e ajam para impedir que seja consumado o atentado que ameaça os interêsses de nosso povo e a soberania nacional.

NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, Semana de 8 a 14 de Março de 1963 — Número 211

Campos: Vida Amarga Dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar

Reportagem na 7ª página

Há Uma Ameaça na Missão San Tiago Dantas

Soberania Nacional Repele Capitulação às Exigências Dos Espoliadores Ianques

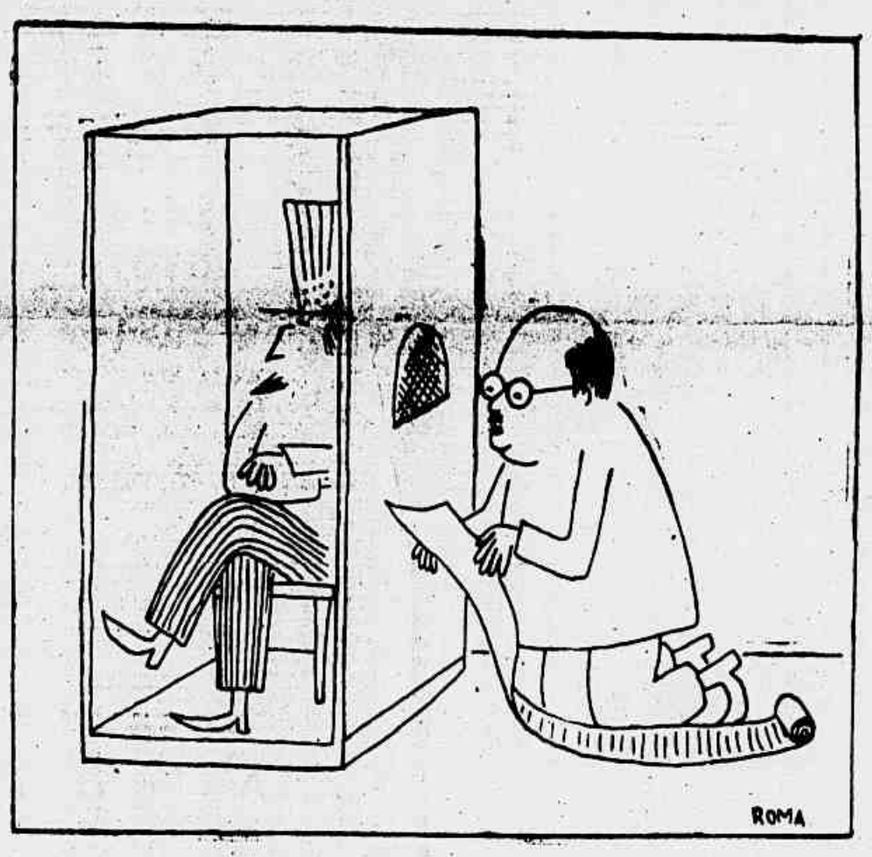
Texto na 3ª página

Quatro anos

Cumprido mais um ano de existência. Um ano cheio de lutas do povo brasileiro em busca de sua emancipação nacional, das quais NOVOS RUMOS orgulha-se de haver participado, orientando os trabalhadores em sua batalha contra a espoliação imperialista e o latifúndio.

Ao entrarmos no quinto ano de circulação, novas são as nossas obrigações, nossos compromissos com o povo no atual estágio da revolução brasileira. Isso nos dá nôvo alento e consciência da necessidade de revitalizar o jornal para que êle melhor cumpra sua função.

Para isso é indispensável que continuemos a contar com as diversas fórmas de ajuda que temos recebido dos leitores, tanto em matéria de críticas, opiniões e sugestões, como materialmente.



Instala-se dia 8

Congresso Dos Trabalhadores da Guanabara: Unidade e Solução Para Problemas do Povo

Texto na 2ª página

Dia Internacional da Mulher: Festa da Liga Feminina

A Liga Feminina da Guanabara promoverá amanhã, dia 8, ato comemorativo do Dia Internacional da Mulher. A manifestação será realizada no auditório do Sindicato dos Bancários, à avenida Presidente Vargas, 502, 21º andar, tendo início às 19 horas. Personalidades de destaque na vida política e social estarão presentes, dirigentes sindicais e intelectuais.

REAÇÃO CONTRA LACERDA: MÉDICOS DENUNCIAM REGIME DE TERROR NA GUANABARA

Texto na 3ª página

Hora da Liberdade

Estão livres os rapazes do Anzoátegui. Depois da heróica ação de captura do barco venezuelano, realizada com o objetivo de denunciar ao mundo o regime de terror e opressão que impera na Venezuela do títere Bettancourt, os seus autores se internaram no Brasil, solicitando ao nosso govêrno asilo político. Durante 10 dias, a partir do momento em que adentraram águas brasileiras com o barco, os jovens permaneceram em regime de incomunicabilidade. Sòmente no dia 2, e em virtude da intervenção do deputado Marco Antônio e outros parlamentares, conseguiram recuperar a liberdade. No dia em que a receberam, foram ouvidos com exclusividade por NR, relatando em primeira mão os instantes dramáticos que viveram a bordo do Anzoátegui. A reportagem está na 8ª página e a foto retrata o momento em que o diretor do sanatório naval de Nova Friburgo, capitão-de-mar-e-guerra Renato Martins, comunicava aos asilados a decisão das autoridades de concederem asilo e cancelarem a ordem de incomunicabilidade que [illegible] sido [illegible] até aquêle dia.

Congresso de Solidariedade a Cuba: Adesões e Reuniões Preparatórias Continuam

A fim de debater a participação dos trabalhadores no Encontro Nacional e no Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, será realizada hoje, dia 7, às 19,30 horas, uma reunião no Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos (rua Camerino, 66). A essa reunião, deverão comparecer representantes de tôdas as entidades sindicais do Estado da Guanabara.

Conforme foi anunciado, o Encontro Nacional de Solidariedade a Cuba será realizado nos dias 26 e 27 de março, e o Congresso Continental nos dias 28, 29 e 30 do mesmo mês.

Encarecendo a importância dos assuntos a serem debatidos na reunião de hoje, foram endereçados convites a todos os Sindicatos cariocas, subscritos por Odílio Borges (Federação dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário); Hélio Marques (Sindicato dos Professôres); Hermes Caires (Sindicato dos Rodoviários); Humberto A. Campbell (Sindicato dos Bancários); Semiramis Silva Gaspar (Sindicato dos Têxteis); José Vicente (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Artigos de Couros) e Ernandes Marques Menezes (Sindicato dos Alfaiates).

Na quarta página, mais detalhes sôbre a realização do conclave.

Trabalhadores do Ar Denunciam: Dinheiro do Povo Para Enriquecer os Magnatas da Aviação Civil

Texto na 2ª página

Trabalhadores da GB em Congresso: Unidade e Reivindicações em Pauta

Roberto Morena

O I Congresso dos Trabalhadores do Estado da Guanabara, convocado pela Comissão Permanente das Organizações sindicais do nosso Estado, vai iniciar-se no dia 8 do mês corrente e se prolongará até 17. As reuniões se realizarão à noite, aos sábados e domingos, a fim de permitir maior participação dos delegados que estejam diretamente vinculados à produção.

A efetivação dêsse conclave dos trabalhadores guanabarinos constitui uma necessidade, torna-se imprescindível à fixação da posição dos trabalhadores perante o atual govêrno do Estado, e à elaboração e aprovação de um plano geral de atividades para todo o movimento sindical, principalmente, neste ano de intensas lutas com a realização do Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores e as eleições nas principais Federações Nacionais e nas Confederações. Além de tudo isso, torna-se necessário unificar tôdas as fôrças dos trabalhadores num Comando único, que seja um dos mais fortes esteios do Comando Geral dos Trabalhadores.

LEGISLAÇÃO SOCIAL E TRABALHISTA

Neste Congresso temos de definir as mais importantes modificações na Legislação Social e Trabalhista, na estrutura da Justiça Trabalhista e, também, nos pontos principais da Previdência Social, depois de quase três anos de prática da Lei Orgânica da Previdência Social. É incontestável que os trabalhadores, os militantes e dirigentes sindicais do Estado da Guanabara, têm já experiência bastante para dar uma contribuição valiosa ao exame dessas questões, pois aqui funciona a maioria dos órgãos governamentais e os organismos sindicais nacionais dos trabalhadores.

Devemos acrescentar que neste momento, às vésperas da abertura de uma nova sessão legislativa, tanto no âmbito nacional, como no estadual, a posição dos trabalhadores tem influência nos seus debates e deliberações. Estamos diante da realização das reformas fundamentais que o nosso país carece e que o povo reclama e exige há longo tempo. Já estabelecemos, para o nosso Estado, um programa aprovado nas três Convenções que realizamos, e que teve plena aceitação nos Encontros Sindicais Nacionais e no III Congresso Sindical Nacional.

BOAS CONDIÇÕES

As condições para que sejam executados são melhores que antes. O povo, cada vez mais, está tomando consciência de que só poderemos combater e vencer a crise econômica que vai avassalando o país se realizarmos essas reformas. Os inimigos fundamentais, que devemos combater já são conhecidos: o imperialismo e o latifúndio. O que nos falta é uma maior e mais profunda ação das massas populares. Êste é ponto importante a tratar em nosso I Congresso dos Trabalhadores do Estado da Guanabara.

A situação do povo carioca piora constantemente. Apesar das declarações costumeiras do atual governador, as dificuldades aumentam. Não há um plano de obras, o abastecimento torna-se cada vez mais difícil e não existe um organismo para servir ao povo e capaz de sofrear a exploração, especulação e a sonegação. Ùltimamente só se tem cuidado de aumentar as fôrças repressivas, com ações contra os trabalhadores e o povo. O Estado é incapaz de atender às mínimas necessidades populares.

DEFINIÇÃO

Finalmente, vamos definir nossa posição face ao plebiscito de 21 de abril próximo. Nessa discussão iremos abordar os mais candentes problemas administrativos do Estado.

Todos êsses problemas exigem estudos, exames, para que as deliberações do I Congresso sejam expressões da vontade da massa trabalhadora e sirvam como meios de uma ampla e diária ação popular.

Insistimos num ponto: nos últimos anos, principalmente em 1962 (o das greves políticas de 5 de julho e 14 de setembro) cresceram as condições e as possibilidades da unidade nas ações e no fortalecimento da unidade das organizações sindicais de tôdas as categorias profissionais. O resultado almejado, temos certeza, será conseguido, com a organização de um forte Comando Sindical, capaz de orientar e dirigir as lutas reivindicatórias em nosso Estado.

Esperamos que os delegados, oriundos diretamente dos locais de trabalho, eleitos ou designados por assembléias gerais ou reuniões sindicais façam do I Congresso dos Trabalhadores do Estado da Guanabara um nôvo elo na corrente de unidade e organização da classe trabalhadora do Brasil.

Denunciam aeronautas e aeroviários:

DINHEIRO DO POVO ENRIQUECE MAGNATAS DA AVIAÇÃO CIVIL

«Sem causas externas a crise da aviação comercial brasileira — afirmam em documento os trabalhadores do ar, representados pela Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Aéreos, Sindicato Nacional dos Aeronautas e Sindicato Nacional dos Aeroviários. «Os aviões — denunciam ao presidente da República, ao Congresso Nacional aos trabalhadores e ao povo — não são comprados à base de concorrência internacional. A exportação de aeronaves está, essencialmente, nas mãos de um punhado de monopolistas internacionais, que, através de seus agentes e comparsas dentro do Brasil, nos subvencionam inclusive pelo crédito.»

«A segurança do vôo em nosso país — acentuam — não interessa aos vorazes monopolistas estrangeiros, pois os aviões sinistrados abrem caminho à compra de outros e outros, cada vez mais caros.»

SITUAÇÃO ALARMANTE

É certo que, segundo as informações disponíveis, um ou outro dêsses acidentes podem ser catalogados na rubrica dos inevitáveis, isto é, dos que resultam do caráter sempre relativo que tem, em geral, o domínio do homem sôbre os elementos e fôrças da natureza. Mas mesmo tendo em conta as circunstâncias apontadas, a verdade é que o número e a natureza dos acidentes aéreos que ùltimamente comoveram o País, não mais apenas um simples sintoma, porém já um resultado catastrófico dos graves males que continuam a minar crescentemente o organismo da nossa aviação comercial. Isso se torna mais evidente quando se considera que, ao lado dêsses acidentes — os únicos que, por serem fatais, chegam ao conhecimento do grande público — aumenta dia a dia, nos últimos tempos, o número dos que não chegam às derradeiras conseqüências, mas que, nem por isso, são menos graves — situações de séria emergência a bordo de aeronaves em vôo, enfrentadas pelos tripulantes sem que, muitas vêzes, os próprios passageiros o suspeitem. Como exemplo, tenha-se em conta que, segundo levantamento procedido pelo Sindicato Nacional dos Aeronautas, atingiram a elevada cifra de 32 os pousos de emergência realizados no aeroporto Santos Dumont, entre fins de outubro de 1962 e fins de janeiro de 1963. Em São Paulo, recentemente, dentro de um período de 41 horas, verificaram-se 8 pousos de emergência em vôo monomotor, por aviões de uma só emprêsa.

VIGILÂNCIA SINDICAL

Desde muito tempo vêm os sindicatos dos trabalhadores na aviação comercial denunciando os desmandos cometidos pelos dirigentes das emprêsas, e chegaram a publicar importantes estudos a respeito. Em virtude dessa vigilante atuação dos trabalhadores do ar, foram instauradas duas Comissões Parlamentares de Inquérito em 1958 e 1961, para investigar as causas da crise na aviação comercial, e às quais prestaram inteira colaboração.

Os parlamentares trabalharam com honestidade e patriotismo revelando fatos que estarreceram mesmo os que já se consideram mesmo os que já consideravam familiarizados com o problema.

Nada, entretanto, foi feito para moralizar o transporte aéreo comercial, nenhum dos seus aproveitadores foi levado às barras dos tribunais nem medidas saneadoras foram determinadas pelo Poder Executivo. Até hoje, os relatórios das CPI continuam engavetados nos gabinetes das chamadas autoridades competentes, e as mazelas de tôda ordem prosseguem corroendo o organismo das emprêsas que, em última análise, são mantidas pelo povo.

CAI O NÍVEL DE SEGURANÇA

O aumento, não só absoluto, mas também relativo, do número de acidentes aéreos e de casos de anormalidade em vôo (situações de emergência) em nossa aviação comercial, numa época de vertiginoso aperfeiçoamento técnico da aviação, evidencia que, entre nós, de modo aparentemente paradoxal, a segurança de vôo, em vez de elevar-se, está decaindo. O absurdo parece tanto maior porque, ao observador comum, o fato de que as grandes emprêsas de transporte aéreo brasileiras possuem em suas frotas os mais modernos, luxuosos e caros aviões a jato e a turbo-hélice, dá a idéia de que a nossa aviação comercial acompanha passo a passo o progresso da aeronáutica mundial.

Basta, entretanto, penetrar na realidade de nosso transporte aéreo civil para poder comprovar-se que não há, naquela constatação, nenhum paradoxo.

A segurança de vôo, nos dias de hoje, exige a conjugação racional, harmônica, de todo um complexo de elementos de ordem técnica que vem sendo continuamente enriquecido com aperfeiçoamentos e inovações. Ela é, portanto, imediatamente, uma questão técnica, — de meios materiais técnicos e de sua organização e funcionamento em bases técnicas.

MATERIAL DE VÔO

Neste terreno a aviação comercial brasileira chegou a uma situação verdadeiramente sui-generis.

Num pólo, a segurança de vôo é dia a dia mais comprometida pela permanência em tráfego de aviões que se tornaram obsoletos desde há vários anos. A extrema fadiga de suas células, assim como, em numerosos casos, sua recuperação uma e mais vêzes, em seguida a acidentes, ocasionaram comprometimentos substanciais das características aerodinâmicas dessas aeronaves. Além disso, seus motores e peças de reposição de há muito já não são fabricados. De tal maneira, de revisão em revisão, nas quais se aproveitam peças ou conjuntos menos gastos das máquinas postos em sucata, os motores que continuam em uso se afastam cada vez mais das suas características de resistência mecânica e de potência originais. Sucedem-se, assim, com freqüência cada vez maior, as ocorrências de vôo monomotor. Nesses casos, a combinação das deficiências aerodinâmicas da célula com as deficiências de rendimento do motor que continua funcionando, incapacitado, muitas vêzes, de dar a potência mínima necessária para o vôo horizontal monomotor, transforma uma situação de emergência que, fora dessas circunstâncias anormais, seria fácil e perfeitamente solúvel, em situação que chega a ser irremediàvelmente catastrófica. Isso ocorre com tanto maior razão porque, por incrível que pareça, a carga máxima transportável, oficialmente autorizada, continua sendo a mesma estabelecida originàriamente pelo fabricante, há 15 ou 20 anos [illegible]. Os vôos de vistoria e [illegible], feitos com a presença [illegible] bordo de autoridades do [illegible]ério da Aeronáutica [illegible] a êsse aspecto, [illegible] para formalidade, po[illegible] realizam com aquela [illegible], nem têm como obje[illegible]minar a carga máxima [illegible]vel, nas condições atuais [illegible] aeronave.

No outro pólo, a segurança de vôo apresenta-se também comprometida pela entrada em tráfego de modernissimas aeronaves a jato. Última palavra da técnica aeronáutica contemporânea, a segurança de vôo dessas aeronaves exige uma infra-estrutura de nível técnico igualmente elevadíssimo, em particular no que respeita à proteção ao vôo, o que inclui, obrigatòriamente, a existência de pistas especiais de pouso e decolagem.

Não deixa de influir também em prejuízo do nível de segurança de vôo, embora de forma indireta e mais remotamente, a absoluta falta de padronização do material de vôo que tem reinado, crônicamente, na aviação comercial brasileira. No que concerne aos aviões a jato, isso tocou as raias do absurdo, com a importação de chôfre, inteiramente arbitrária e descontrolada, de caríssimos Boeing, Caravelles, Viscounts, Douglas DC-8, Electras e, agora, Convairs 990.

Não cogitaram, porém, de nôvo equipamento para substituir os obsoletos e inseguros DC-3, C-46 e PBY (Catalinas) mas, ao contrário, consagraram a sua permanência em tráfego, para embolsar mais alguns bilhões de subvenções governamentais.

MANUTENÇÃO

O pessoal de manutenção, tanto nas oficinas como nos hangares e pistas, tem sua atividade pesadamente sobrecarregada em conseqüência dêsse estado de coisas. Sua situação é agravada mais ainda porque não dispõe, em geral, das condições mínimas de segurança e de confôrto para o trabalho, sem falar no problema de alimentação durante a faina diária que, não resolvido para milhares e milhares de aeroviários em todo o País, prejudica inevitàvelmente a sua eficiência no serviço, por maiores que sejam sua competência, espírito de responsabilidade e abnegação. É comum, entre os aeroviários de manutenção, particularmente nos aeroportos de trânsito, trabalharem ao relento, em duras condições de tempo, sem um mínimo de proteção, varando volta e meia o dia e a noite, o que cedo leva muitos a um estado de estafa crônica.

OS TRIPULANTES

Tudo o que aqui acaba de ser dito sôbre as graves insuficiências da segurança de vôo em nossa aviação comercial é do conhecimento do conjunto da categoria profissional dos aeronautas e não pode, evidentemente, deixar de nêles suscitar maior ou menor sobrecarga psicológica que, por sua vez, só pode concorrer de modo negativo para o nível da segurança de vôo.

Como se tudo isso não bastasse, é ainda o aeronauta obrigado a se preocupar permanentemente com a defesa e a luta pela melhoria das suas condições de trabalho e de vida, — a começar pela própria instabilidade no emprêgo, — como normas desprezadas e, não raro, ameaçadas e mesmo atingidas pelo donos das emprêsas.

Os aeronautas tiveram de lutar durante anos pela regulamentação de sua atividade profissional, fator da maior importância para a elevação da segurança de vôo. Pois bem, a verdade é que esta regulamentação continua até hoje não sendo respeitada e cumprida por algumas emprêsas, que, para infringi-la, lançam mão das mais diversas formas de coação direta e indireta sôbre os aeronautas, do que resulta, quando tem efeito, excessos nas horas de vôo ou de trabalho diárias e mensais.

Ùltimamente, os donos das emprêsas voltaram uma vez mais à carga para eliminar, das tripulações, os rádio-operadores e os mecânicos de vôo.

AS CAUSAS DA INSEGURANÇA

As causas imediatas da insuficiência crescente da segurança de vôo no transporte aéreo civil em nosso País são de ordem técnica: em seu conjunto, a nossa aviação comercial progride, mas êsse avanço a deixa em crescente atraso no que respeita à utilização, tanto em quantidade como em qualidade, dos recursos técnicos materiais em acelerado desenvolvimento, existentes à disposição da aeronáutica de nossos dias; além disso, dentro dêsse quadro, e agravando-o, não são poucas as normas técnicas de diferente natureza, sôbre a organização e o funcionamento do transporte aéreo, que continuam sendo ou passam a ser simplesmente infrigidas pelos que — donos de emprêsas ou autoridades governamentais, — são diretamente responsáveis pela aviação comercial brasileira.

Mas a experiência de muitos e muitos anos de luta ensinou aos aeronautas e aeroviários que por trás dessas causas, ocultam-se outras, mais profundas, fundamentais, as verdadeiras causas dessa situação:

1) — O transporte aéreo civil se ergue sôbre um parque especializado da mais alta qualificação: a indústria aeronáutica e as numerosas indústrias correlatas. O Brasil dispõe hoje de uma das mais extensas rêdes de transportes aéreo civil do mundo, mas não possui um parque industrial de construção aeronáutica. A base industrial de nossa aviação comercial está no estrangeiro, pertence a outrem. Todo o equipamento básico de nossa aviação comercial (aeronaves, combustível, lubrificantes, — peças de reposição, acessórios, maquinaria de oficina, ferramentas, etc.) é importado do exterior, contra divisas, a pêso de ouro. O interêsse dos grandes monopólios estrangeiros da indústria aeronáutica é, no conjunto de material aeronáutico, vender-nos principalmente aviões que são cada vez mais caros, além de que levam ao consumo, obrigatório, de combustível, lubrificante, peças, etc.

Sòmente quanto à compra de aviões, a dívida externa brasileira foi recentemente orçada pelos cem milhões de dólares, a serem pagos a curto prazo (5 a 6 anos).

2) — As solicitações do progresso do País exigem um transporte civil aéreo com o caráter real de serviço de interêsse público. Mas acontece que a aviação comercial brasileira continua a se desenvolver, segundo os cegos apetites de lucro do capital privado, isto é, anàrquica e aventureiramente. Em íntimo conúbio com êle está um grupo originalíssimo de empresários privados brasileiros, — o grupo constituído pelos donos das companhias de aviação. Alguns dêsses senhores, foram simplesmente surpreendidos, por uma das Comissões Parlamentares de Inquérito, em fraudes cambiais de sub e super-faturamento, em vendas e compras simuladas de aviões e de peças no estrangeiro, etc., etc. Por incrível que seja, essas pessoas, que se aliaram ao capital estrangeiro para mais ainda dessangrar a economia e as finanças nacionais, perpetrando delitos que comprometiam direta e gravemente a segurança de vôo, não foram punidos! Assim se joga com o dinheiro do povo:

As subvenções governamentais diretas e indiretas, segundo dados oficiais incompletos, atingiram em 1958 a mais de um bilhão e setecentos milhões de cruzeiros. Em 1959, segundo estimativa do então ministro da Aeronáutica, apresentada à Comissão Parlamentar de Inquérito, aquelas subvenções devem ter atingido a mais de três bilhões de cruzeiros. Agora, o Congresso Nacional acaba de votar 60 bilhões de subvenções diretas (doze bilhões por ano, por cinco anos) e o senhor presidente da República, apesar do veemente protesto que contra êste escândalo lhe fêz chegar o Comando Geral dos Trabalhadores, houve por bem sancionar os primeiros doze bilhões que, diga-se de passagem, começaram a ser entregues às emprêsas, a partir de 1962, antes de qualquer aprovação pelo Congresso. A isso se deve acrescentar a sonegação, pelas emprêsas, das contribuições devidas à previdência social, num montante que, de mais de um bilhão em princípios de 1961, ultrapassa hoje a casa dos dez bilhões de cruzeiros.

Os aeronautas e aeroviários estão profundamente convencidos de que o crescimento da aviação, o seu contínuo avanço técnico, a elevação da sua segurança e a capacidade de bem servir à Nação, exigem e exigirão, cada vez mais, a eliminação, dentro do transporte aéreo civil brasileiro, dos fatôres de atraso, de diversão, de desperdício e de anarquia, impõe a êsse serviço de interêsse público uma organização interna racional, a sua integral unificação numa só emprêsa nacional.

Assim, os trabalhadores da aviação comercial, ao se dirigirem, neste momento, ao exmo. sr. presidente da República, ao Parlamento Nacional, às autoridades em geral e ao povo brasileiro, a todos conclamam a cerrar fileiras na luta pela vitória de uma causa que é de tôda a grande nação brasileira — a causa da sobrevivência e do progresso da nossa gloriosa aviação de transporte civil, a causa da criação da AEROBRAS.»

CARIOCA SE MOBILIZA CONTRA A CARESTIA

É de estranhar que a preocupação do govêrno com a alta do custo de vida — alegada reiteradamente pelo sr. João Goulart — só se tenha feito sentir concretamente, até agora, na questão do preço dos automoveis.

Enquanto isso, continuam a subir os gêneros essenciais. Ainda nesta semana, a COFAP aprovou um aumento no preço do leite, de quase 50%, o que é um desmentido formal à propalada política de contenção de preços, pois essa medida foi precedida de outras majorações, tais como a do pão, das passagens ferroviárias, etc.

Na verdade, como bem assinalou o sr. Leonel Brizola em recente pronunciamento, isto não passa de um reflexo dos processos distintos que utiliza o govêrno no seu pretendido combate à inflação. Enquanto ameaça com congelamento de salários e pretende propor para o funcionalismo um aumento irrisório de 40%, usa para com as chamadas classes produtoras o inoperante processo de apelos, procurando fazer crer que isso sensibilizará os empedernidos corações de nossos tradicionais espoliadores internos.

Cortou o govêrno os subsídios que favoreciam alguns produtos, como o trigo e o petróleo, o que se refletiu imediatamente nos preços da gasolina e do pão. No entanto fica surdo aos que defendem a necessidade de que o govêrno ponha fim à sangria que representa o subsídio aos produtores de café, bem como ao pesadíssimo ônus da estocagem de dezenas de milhões de sacas, sem colocação nos mercados interno e externo.

O povo carioca não vem aceitando passivamente essa política, e a luta contra a carestia já está mobilizando amplos setores da população. A Liga Feminina da Guanabara tem organizado várias manifestações de protesto, como passeatas, comícios, memoriais, etc.

Foi estruturada no Estado da Guanabara, pelas Sociedades de Bairros Coligadas uma Comissão Permanente de Combate à Carestia e aos Sonegadores, que organizou um vasto programa de concentrações populares, a fim de colher assinaturas de protesto contra a carestia.

Já nos dias 4, 5 e 6 de março foram realizadas concentrações no Jardim do Méier, em Madureira e em Bangu, estando programadas as seguintes, ainda para êste mês:

Dia 7 de março — das 17 às 19 horas — Del Castillo (conjunto IAPI); dia 8 de março — Festa da Liga Feminina, na Sede dos Bancários, P. Vargas; dia 9 de março — das 15 às 17 horas — Campo Grande (ao lado da estação); dia 10 de março — de 9 às 12 horas — Inhaúma (na feira); dia 11 de março — das 17 às 19 horas — Deodoro; dia 12 de março — das 17 às 19 horas — Eng. Nôvo (R. Viúva Cláudio); Dia 13 de março — das 17 às 19 horas — Campinho; Dia 14 de março — das 17 às 19 horas — Jardim América; dia 15 de março — de 9 às 12 horas — Cascadura (feira); dia 16 de março — de 9 às 12 horas — Piedade (feira), R. Bernardino de Campos com Suburbana).

OUTRAS MANIFESTAÇÕES

No dia 15 de março, em local a ser anunciado, o ex-ministro do Trabalho, sr. João Pinheiro Neto, realizará uma palestra sôbre "Carestia e Inflação". No dia 17, das 15 às 17 horas, os representantes das Sociedades de Bairros Coligadas estarão reunidos, em conjunto com a Comissão de Combate à Carestia, numa assembléia geral, a ser realizada na sede da Delegacia do Sindicato dos Bancários, na rua Carolina Machado, 88, 3.º andar, em Cascadura.

Barnabés Continuam Mobilizados Por um Aumento Justo e Imediato

Os barnabés da União aguardam com expectativa a mensagem do presidente da República, ao Congresso, propondo as bases do aumento de vencimentos dos funcionários públicos, federais, civis e militares. Antecipando-se ao envio do documento presidencial, que deverá ocorrer no dia 15 de março, dezenas de dirigentes de entidades dos barnabés vão realizar reuniões e assembléias, a fim de que suas reivindicações não sejam sacrificadas em favor da política financeira que o govêrno realiza.

CONCENTRAÇÃO NA GB

A Confederação Brasileira dos Servidores e a União dos Servidores Públicos, sob cuja liderança o funcionalismo federal civil está mobilizado, pretende levar à Brasília dezenas de comissões de barnabés para entendimentos com os homens do govêrno. Antes de seguirem para a Capital Federal, os representantes dos Estados manterão contatos com os dirigentes nacionais da UNSP e CBSC, a fim de fixar a ação de cada grupo representativo, bem como o ângulo do problema a ser exposto aos homens do govêrno.

Embora os barnabés considerem que a situação evoluiu favoràvelmente após o pronunciamento do sr. Evandro Lins e Silva, seus líderes se mantêm em posição de vigilância, pois consideram que o pensamento oficial ainda não ficou suficientemente claro.

CAUTELA

Apesar de satisfeitos com a disposição do govêrno de instituir uma justa escala salarial no funcionalismo federal, os barnabés se mantêm reservados, aguardando a evolução dos acontecimentos para um pronunciamento definitivo sôbre a matéria. Essa cautela, dizem êles, justifica-se plenamente, pelo que poderá ocorrer, como de outras vêzes, quando iniciativas da mesma natureza foram deformadas em certos escalões governamentais, e acabaram por se voltarem precisamente contra o grupo de servidores mais sacrificados, que acabaram sendo os únicos afetados pela "austeridade" oficial.

Temem igualmente os pequenos funcionários que o rigor oficial quanto ao ingresso no serviço público reverta em perseguição aos barnabés, a maioria dos quais, com estabilidade assegurada, poderia ser convocada extemporâneamente para prestação de concursos "moralizadores".

CARESTIA É A BASE

Os líderes dos "barnabés" federais não estão alheios às dificuldades do País. Não aceitam, entretanto, em serem os únicos a carregar o pêso da política antiinflacionária, juntamente com os trabalhadores de salário-mínimo.

Os 40% inicialmente oferecido pelo Govêrno são por êles considerados insuficientes sob todos os aspectos, inclusive considerando os dados fornecidos por organismos oficiais a respeito do aumento do custo de vida. Alegam que desde o ano passado os aumentos de salários homologados pela Justiça do Trabalho oscilam de 60 a 70 por cento, e muitos com aumentos adicionais, seis meses depois. Lembram, igualmente, que a carestia ganhou maior impulso nos últimos meses, precisamente depois que foram adotadas as primeiras medidas relacionadas com a política de contenção salarial. Mostram que o pão, o arroz, o feijão, o leite, a carne, legumes, cereais, transportes, etc. subiram de preço, arrombando com os poucos orçamentos que apresentavam razoável folga, e que, para restabelecer a "normalidade" de um ano atrás, os 40% oferecidos pelo Govêrno são simplesmente inaceitáveis.

A LUTA PROSSEGUE

A posição dos barnabés e seus líderes não modificou quanto às suas necessidades salariais. Consideram que o sr. João Goulart está trilhando caminho certo, ao afastar os privilegiados da escala de aumento. Mas, por vias das dúvidas, mantêm-se mobilizados, com suas entidades vigilantes, para levar o govêrno a cumprir o que prometeu e atender suas mais imediatas reivindicações, inclusive as relacionadas com direitos já consagrados em lei, como o aumento do salário-família, pagamento da taxa de insalubridade, etc.

Nova Iguaçu: solidariedade a Cuba

Com uma conferência do senador Aarão Steinbruch no salão da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, e contando com a presença de várias personalidades locais, será realizado sábado, dia 9, com início marcado para às 20 horas, importante ato público de solidariedade a Cuba, de defesa das conquistas revolucionárias do povo dirigido por Fidel Castro.

POLÍCIA DE LACERDA: MÉTODOS FASCISTAS

Foi com a mais justa indignação que a opinião pública tomou conhecimento da violência praticada pela polícia de Carlos Lacerda contra o ex-senador Luiz Carlos Prestes, no aeroporto do Galeão, no momento de seu embarque para a Europa. Energúmenos da polícia política violaram a mala do líder comunista, dela subtraindo alguns papéis. Os enérgicos protestos feitos por Prestes e seu advogado, na ocasião, contaram com o apoio de dezenas de pessoas que assistiram revoltadas à inominável violência.

Lacerda põe em prática, dessa maneira, um método tipicamente fascista de restringir ou mesmo anular a liberdade de locomoção violando grosseiramente a Constituição federal. Ao que tudo indica, pretendia, depois do vergonhoso fiasco dos "documentos do Peru", armar uma nova provocação, envolvendo Prestes pessoalmente. A infame tentativa caiu, entretanto, no vazio. Dela restou apenas mais uma comprovação dos métodos fascistas que caracterizam a atuação da polícia de Lacerda, Gustavo Borges e Borer.

NR: Presentes de Aniversário

Com motivo da comemoração do quarto aniversário de NOVOS RUMOS, que se completa com esta edição, inúmeras são as manifestações que temos recebido.

Grande número de telegramas e mensagens de entidades sindicais e organizações populares têm chegado à redação, com palavras de estímulo ao nosso trabalho.

Registramos também, com satisfação, belo presente enviado pela Embaixada da Tchecoslováquia, constando de dois caixotes com bebidas e iguarias finas típicas daquele país.

Nossos agradecimentos.

Bancários Vão Denunciar a San Tiago Que Patrões Sabotam Economia do País

As conseqüências negativas do horário único nos bancos da Guanabara, São Paulo e Minas vão ser expostas aos ministros da Fazenda e Trabalho, pelos dirigentes dos Sindicatos de Bancários dos três Estados. Argumentarão que, com o objetivo específico de reduzir suas fôlhas de pagamentos, os empregadores pretendem reduzir o tempo de atendimento ao público, com graves prejuízos para o comércio, a indústria e ao povo em geral. Assim falarão ao ministro San Tiago Dantas, alertando-o para os prejuízos que a medida acarretaria para a economia nacional, caso a medida seja consumada.

Quanto ao ministro do Trabalho, a conversa será em outras bases. Ao sr. Almino Afonso será exposto o caráter reacionário da compressão do horário bancário, e conseqüente desemprêgo de milhares de funcionários. Trata-se tão sòmente, dirão, de um ato de represália dos banqueiros, contra a vitória dos seus funcionários nas questões do 13.º salário e das gratificações semestrais.

RECUARAM

A adoção do horário único nos bancos da Guanabara e São Paulo estava marcada para o dia 1.º dêste mês, mas parece ter sido posta de lado, pelo menos temporàriamente. Êsse recuo é resultado da rápida ação dos dirigentes sindicais da categoria, que, em nota endereçada às autoridades, ao comércio, à indústria e ao povo, denunciaram os objetivos pretendidos pelos empregadores, e seus reflexos em todos os setores da produção. Com a instituição do horário corrido, das 12 às 16 horas, os banqueiros ficariam à vontade para dispensar milhares de empregados, sobrecarregando de trabalho os que permanecessem. Fácil é deduzir os prejuízos que disso decorriam para a clientela que, além de ficar subjugada a um horário comprimido e incômodo, teria suas transações imensamente dificultadas: quer pela morosidade no processamento burocrático interno, quer pela avalanche de erros e confusões que resultaria do excesso de trabalho e escasso número de servidores.

Aumentariam, assim, as complicações e demoras para depositar ou retirar dinheiro, que hoje já são excessivas apesar do contingente razoável dos que atendem o público.

DEMISSÕES EM BH

Se houve recuo por parte dos banqueiros da Guanabara e São Paulo, o mesmo não se pode dizer quanto aos de Minas, onde o expediente comprimido seria adotado a partir de fevereiro, como realmente foi tentado. Foram, aliás os bancários de Belo Horizonte que desencadearam a luta em âmbito mais amplo, envolvendo GB e SP. Adotado o horário único, as emprêsas iniciaram a dispensa dos funcionários que reputaram desnecessários. Sòmente o Banco da Lavoura demitiu 200, não deixando por menos os demais estabelecimentos. Com o movimento de protesto iniciado em Belo Horizonte e liderado pelo Sindicato local, que acenou, inclusive, com a possibilidade de uma greve geral, os bancos se acautelaram. Temendo a fôrça dos seus empregados, anularam a maioria das demissões.

Apesar de ter entrado em recesso, o perigo ainda não foi afastado. Daí, a firme vigilância das entidades sindicais dos bancários, atentas às manobras dos inquietos patrões.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Vitorino Ferri (Cascavel-PR)	1.000,00
Um amigo da Construtora GIORBI (Brasília)	2.000,00
Operários da Construção Civil de Itaberaba-SP	1.600,00
Setor M.O. (S. Paulo)	100,00
Setor S.C. (S. Paulo)	325,00
Amigos de Petrópolis (cota mensal)	2.000,00
J. Ferreira e A. Valentim (Goiânia-GO)	2.000,00
Amigo pintor (Rio-GB)	1.000,00
L. Cavalcanti (Rio-GB)	1.000,00
Moradores da Guanabara (Rio)	1.700,00
Elias Nicolau Martins (Rio-GB)	2.000,00
	14.725,00

NOVOS RUMOS

Diretor
Orlando Bomfim Júnior
Diretor executivo
Fragmon Borges
Redator Chefe
Luiz Gassaneo
Gerente
Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO: Rua 15 de Novembro, 228, 2.º andar S/221
Fone: 35-0453
Endereço telegráfico «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS:
(sòmente a edição semanal)

	Cr$
Anual	1.000,00
Semestral	500,00
Trimestral	250,00

ASSINATURA AÉREA

	Cr$
Anual	2.500,00
Semestral	1.250,00
Trimestral	650,00
Número avulso	20,00
Número atrasado	30,00

I CONGRESSO DOS TRABALHADORES DO ESTADO DA GUANABARA

DE 8 A 17 DE MARÇO DE 1963

EDITAL

Convocado pela Comissão Permanente das Organizações Sindicais (CPOS) será realizado durante os dias 8 a 17 do corrente, em nosso Estado, o I CONGRESSO DOS TRABALHADORES DO ESTADO DA GUANABARA, cujo temário constará dos seguintes pontos:

A) — Atividades da Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara e proposições para a estrutura da Seção da Guanabara do Comando Geral dos Trabalhadores;
B) — Situação econômica e política dos trabalhadores no âmbito estadual e medidas para combater o alto custo de vida;
C) — Justiça do Trabalho, seu funcionamento e sugestões para sua melhoria;
D) — Legislação Social e Trabalhista, estudo de sua estruturação e aplicação e modificações necessárias à sua democratização e eficiência;
E) — Previdência Social, exame da aplicação da Lei Orgânica da Previdência Social e medidas para melhorá-la;
F) — Problemas Nacionais e a posição do movimento operário e Sindical;
G) — Posição perante o plebiscito estadual do dia 21 de abril próximo sôbre a divisão municipal do Estado da Guanabara.

A sessão de instalação do Congresso, no dia 8, sexta-feira, às 19 horas, será na sede do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos, na rua Camerino n.º 66.

As sessões plenárias serão realizadas nos dias 16 e 17 (sábado e domingo) a partir das 9 horas da manhã, na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, na rua Ana Neri n.º 152.

O encerramento solene do Congresso dia 17, domingo às 19 horas, será na sede do Sindicato dos Empregados no Comércio, rua André Cavalcanti, 33.

Os delegados poderão ser eleitos em assembléias, reuniões sindicais, nos locais de trabalho ou designados por abaixo-assinados ou pelas direções de entidades sindicais. O número de delegados ficará a critério de cada Sindicato.

A Secretaria do Congresso está funcionando na sede da CNTI, na rua dos Andradas n.º 96 — 5.º andar, aonde deverão ser encaminhadas as adesões e relações dos delegados.

COMISSÃO ORGANIZADORA — Hércules Corrêa dos Reis, Jaime da Silva Correia, Geraldo da Costa Matos, Benedicto Cerqueira, Giovanni Romita, Roberto Morena, Hermenegildo Fernando Autran, Irio Lima, Ernesto da Costa Fonseca, Sebastião Santos.

Govêrno Pacheco e San Tiago Dantas:

Govêrno Deve Resolver se Continua Com o Povo

O ministro da Fazenda San Tiago Dantas, resolveu discutir com os trabalhadores, representados por dirigentes do Comando Geral, reunidos na sede da CNTI, a política econômica do Govêrno. Já passou, entretanto, o tempo em que os governantes brasileiros poderiam ir tranqüilos discutir com "representantes" dos operários, sem mêdo de serem contestados com conhecimento de causa. Na reunião da CNTI, o ministro San Tiago Dantas teve que fazer uso de todo o seu arsenal teórico e mesmo assim não conseguiu fazer com que os dirigentes sindicais tomassem gato por lebre.

Um dos portavozes mais enérgicos dos pontos de vista da massa trabalhadora foi o conhecido dirigente portuário Osvaldo Pacheco, que falou em nome do Comando Geral dos Trabalhadores. Pacheco iniciou sua intervenção exatamente observando que a tarefa do ministro da Fazenda era das mais ingratas pois teria que demonstrar "a tese de que se deve salvar o Brasil sacrificando a maioria esmagadora do povo, como se as classes conservadoras representassem a Nação e nós, os trabalhadores, camponeses, estudantes, funcionários públicos civis e militares e nosso bem-estar não representassem o próprio bem-estar de nossa Pátria".

TRABALHADORES E INFLAÇÃO

Osvaldo Pacheco referiu-se em seguida a afirmações anteriormente feitas pelo ministro San Tiago Dantas segundo as quais era necessário evitar certos aumentos de salários que provocam melhorias apenas aparentes, mas na realidade contribuem para acelerar o processo inflacionário. Mostrou então, citando inclusive pronunciamentos de várias autoridades e representantes da indústria nacional, que os salários, além de não contribuir em nada para o aumento dos preços, são ao contrário dissolvidos por êsses aumentos. "Cumpre salientar que essa espoliação dos salários e ordenados dos trabalhadores, que nos últimos anos trabalharam mais, produziram mais recebendo menos, coincidiu com a chamada fase de ouro do desenvolvimentismo, quando de modo mais intenso penetrou em nosso País o capital estrangeiro, norte-americano e de outras procedências".

"A inflação", prosseguiu Osvaldo Pacheco, "gerou feroz exploração das massas trabalhadoras e camponesas do Brasil, em benefício da industrialização que enriqueceu capitalistas brasileiros e estrangeiros." Ressaltou que os operários estão inteiramente de acôrdo com o combate à inflação, mas não podem concordar em que êle seja feito às suas custas, deixando intactos "os lucros fabulosos do capital estrangeiro, as vultosas subvenções aos latifundiários e exportadores de café, as grandes rendas dos grupos econômicos", como disse o Manifesto do CGT enviado ao presidente João Goulart.

ESPOLIAÇÃO IMPERIALISTA

Lembrou a seguir o dirigente portuário a crise criada pela reação quando foi proposto o nome do atual ministro da Fazenda para primeiro-ministro em julho do ano passado: Naquela ocasião o sr. San Tiago Dantas foi à sede do Sindicato dos Metalúrgicos falar com os trabalhadores. "Lembramo-nos como se fôsse ontem que V. Excia. disse no célebre ato realizado no Sindicato dos Metalúrgicos que lutava por uma política interna que fôsse a continuação da política externa independente. Entretanto, achamos que a atual política preconizada pelo Plano Trienal e defendida por V. Excia., ao pretender que nosso desenvolvimento só será possível com a concessão de 1 e meio bilhão de dólares para refinanciamento e consolidação da dívida externa, choca-se frontalmente com aquela afirmação anterior. No episódio, a coerência está com a classe operária, que representamos, pois fomos e seremos lutadores conseqüentes antiimperialistas e pelo desenvolvimento independente da economia nacional".

Osvaldo Pacheco ratificou o ponto de vista dos trabalhadores de que os capitais estrangeiros não sòmente não contribuem para o nosso desenvolvimento, como na realidade o prejudicam. Citou a propósito a recente declaração do próprio presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, segundo o qual seu país enviou no ano de 1962, 200 milhões de dólares em capitais para os países subdesenvolvidos, mas retiraram desses mesmos países, no mesmo ano, 1 bilhão e 300 milhões de dólares, ou seja, 6,5 vêzes mais.

Pergunta então o dirigente do CGT, referindo-se aos planos do govêrno brasileiro de renegociar nossa dívida com os Estados Unidos: "De sã consciência, acredita v. excia. que os norte-americanos poderão atender ao pedido do nosso Govêrno sem imposições políticas, principalmente em relação à mudança da política externa, em relação à defesa da autodeterminação dos povos, particularmente de Cuba e que, conforme seu discurso do ano passado no Sindicato dos Metalúrgicos, a exemplo da Petrobrás, a nossa política externa é intocável. Mantém v. excia. no momento esta afirmação patriótica?"

Condenou então o empréstimo concedido pelo Govêrno a uma filial da IT & T, para completar, segundo exigências ianques a indenização já paga pelo govêrno do Rio Grande do Sul, depois da brava encampação realizada pelo governador Leonel Brizola.

COM QUEM ESTÁ O GOVÊRNO

"Cabe uma opção ao Govêrno: continuar marchando com o povo, com os trabalhadores, ao lado dos quais conseguiu inúmeras vitórias até agora, ou trocar aliados, preferindo doravante os restritos grupos de privilegiados que, diga-se de passagem, até recentemente lutaram contra a posse do sr. presidente da República, contra a investidura de v. excia. como primeiro-ministro, contra o plebiscito, contra o restabelecimento dos plenos direitos do sr. João Goulart como presidente da República." E' preciso que o govêrno brasileiro decida se há seguir uma política que defenda os interêsses do País e do povo, ou se continuará sua atitude conciliatória com os poderosos grupos latifundiários, exportadores e de capitais estrangeiros. Para isso, a palavra dos trabalhadores já foi dada, no Manifesto da CGT, onde se apontam as seguintes medidas fundamentais:

1) reforma agrária profunda, com entrega das terras dos latifundiários aos camponeses, assistindo-os por todos os meios; 2) aplicação rigorosa da lei que regulamenta a remessa de lucros das emprêsas estrangeiras, cuja execuução depende apenas do Executivo; 3) reduzir as enormes subvenções aos latifundiários e exportadores de café; 4) lançar impostos diretos fortemente progressivos sôbre a renda dos grupos privilegiados e não impostos indiretos sôbre as massas consumidoras; 5) nacionalizar emprêsas estrangeiras que ocupem posição chave em nossa economia, indenizando-as pelo custo histórico; 6) intensificar o intercâmbio com todos os mercados, para acabar com o monopólio dos países imperialistas em nosso comércio exterior, e 7) ampliar o monopólio estatal do petróleo encampando as refinarias particulares e entregando à Petrobrás a distribuição de seus produtos.

Concluindo, disse Osvaldo Pacheco que os trabalhadores colocam na ordem do dia a formação de um Govêrno que realmente cumpra êste programa nacionalista e democrático, ressaltando que êste objetivo é também defendido por milhões e milhões de brasileiros. "Não aceitaremos que se sacrifique ainda mais os trabalhadores e todos os que vivem de salários, civis e militares, que sempre foram vítimas de uma política econômica, financeira e social de desumanidade contra os milhões de brasileiros que sofrem de forma já insuportável as conseqüências da política que tentam repetir no presente com outras palavras no Plano Trienal. Esta é a opinião de milhões de brasileiros que integram o Comando Geral dos Trabalhadores, que discutem esta questão vital em seus sindicatos e, temos a certeza, também de outros milhões de patriotas de tôdas as camadas sociais de nosso povo, dispostos à unidade e à ação pelo Brasil."

Soberania Nacional Repele Capitulação às Exigências Dos Espoliadores Ianques

Anunciada desde antes de sua nomeação para o Ministério da Fazenda e várias vêzes adiada, é possível que a viagem do sr. San Tiago Dantas aos Estados Unidos seja mais uma vez transferida. As verdadeiras razões dêsses sucessivos adiamentos não foram até agora esclarecidas pelas autoridades brasileiras à opinião pública. Que existe, de fato, por trás dessas protelações?

FETICHE DO DÓLAR

Recusando-se a adotar diante dos monopólios ianques uma firme atitude de defesa da soberania e dos interêsses nacionais, o govêrno brasileiro — particularmente através dos srs. San Tiago Dantas e Celso Furtado — empenha-se em condicionar a realização de seus planos à "compreensão" e "boa vontade" dos banqueiros e autoridades ianques, isto é, à obtenção de "favores" por parte do imperialismo. Pretende-se, nesse sentido, conseguir o adiamento dos compromissos comerciais e o fornecimento de novos créditos, por parte dos EUA. No fundo, o que se visa é manter a atual taxa de crescimento da economia e reduzir a espiral inflacionária preservando, ao mesmo tempo, os privilégios de que gozam os espoliadores ianques em nosso País. Nesse rumo se orientam os passos tentados ou empreendidos pelo govêrno, com a participação direta do embaixador dos EUA, Lincoln Gordon.

Tenta-se impingir à opinião nacional o fetiche do dólar: ou as bênçãos de Kennedy ou o caos. Em nome dessa impostura, tudo então se justificaria, mesmo as piores traições aos interêsses do Barsil. E, como se vê, uma total inversão da realidade, pois os fatos mostram exaustivamente que está no saque imperialista a causa principal das dificuldades em que nos debatemos e que, portanto, para superar essas dificuldades, o caminho só pode ser o de suprimir pela raiz a espoliação norte-americana.

MAIS, SEMPRE MAIS

Para conseguir os dólares, entretanto — e dólares que servirão, essencialmente, para assegurar aos próprios ianques o pagamento de lucros por êles arrancados ao nosso povo — o govêrno brasileiro vem adotando não a política reclamada pelos patriotas ,mas a política das concessões. Para acalmar a gritaria levantada em tôrno da encampação da Telefônica gaúcha (em processo perfeitamente regular, segundo as leis brasileiras), decidiu o Govêrno doar a uma subsidiária da IT & T a soma de 1 bilhão e 300 milhões de cruzeiros. Para não irritar o Departamento de Estado, vêm certas autoridades impondo freios inadmissíveis à ampliação de nosso intercâmbio econômico com os países socialistas. Para eliminar o "recreio" de novas encampações, decide-se o Govêrno a comprar à Bond and Share, por 200 milhões de dólares aproximadamente, um montão de ferros-velhos que virtualmente, pelo menos em sua maior parte, já pertence ao povo brasileiro. Para não provocar o "descontentamento" dos investidores ianques, não foi até hoje aplicada com seriedade a lei de remessa de lucros, embora se tenha submetido o Govêrno a uma infame lei norte-americana — o Foreing Aid Act. Tudo isso, assinale-se, ao mesmo tempo em que se obriga o povo a novos "sacrifícios" e se quer subtrair do funcionalismo público nada menos de 30% dos níveis reais de seus vencimentos.

Acontece, porém, que o caminho das concessões é um plano inclinado. Os imperialistas, feita a primeira concessão, não se satisfazem e exigem sempre mais. Aos que lhes dão as mãos, êles exigem os braços e até a cabeça. Isso significa, hoje, não só a total submissão aos esquemas colonialistas do FMI e a garantia de um "clima tranqüilo" aos investimentos estrangeiros, mas também a adoção de uma política reacionária em tôda a linha. Kennedy, Dean Rusk e Dillon estão pondo a faca nos peitos do sr. João Goulart: apoio à política de agressão à Cuba e demissão dos funcionários de tendência "antiamericana". Caso contrário, nada feito.

SOBERANIA EM JÔGO

O que está em jôgo, pois, é antes de tudo a soberania nacional. Os brasileiros honrados, sejam quais forem as suas convicções ou filiações partidárias, não podem concordar, sob nenhum pretexto, que os nossos entendimentos diplomáticos com qualquer outro país impliquem em abdicações que firam os nossos interêsses e, muito menos, a nossa soberania. Os jornais de quarta-feira, por exemplo noticiam que o embaixador Gordon prestou um informe de três horas, numa subcomissão do Senado norte-americano, sôbre a "infiltração comunista" no Brasil. Afinal, quem delegou podêres a êsse esplão para discutir, com os magnatas senadores ianques, problemas que dizem respeito ùnicamente a nós, brasileiros? E quem pode reconhecer nos governantes dos EUA competência para nomear ou demitir funcionários que prestam serviços não ao Estado norte-americano, mas ao Estado brasileiro?

Nosso povo repele essa insultuosa interferência do govêrno ianque em nossos problemas internos e exige do sr. João Goulart e seu ministério uma linha de conduta apoiada no mais estrito respeito à soberania nacional.

ROMPER AS GADEIRAS

Essa exigência deve, contudo, estar ligada a uma acesa vigilância patriótica. E' sabido que existem no govêrno setores que tendem, uns mais outros menos abertamente, para concessões sempre maiores, que vão desde a compra (e não a encampação, que é o que deve ser feito) da Bond and Share até a revogação da política de defesa do direito de autodeterminação do povo cubano e, em geral, de todos os povos. Há assim, uma grave ameaça pesando sôbre a soberania brasileira e a causa da libertação nacional e da democracia em nosso País.

Segundo se sabe, o sr. San Tiago Dantas, apoiado em outros membros do Ministério, como os srs. Celso Furtado e Antônio Balbino, estaria disposto a transigir nas negociações que realizará em Washington, em tôrno de problemas políticos. Nesse caso, evidentemente, a responsabilidade maior e definitiva seria não tanto do ministro da Fazenda, mas principalmente do presidente João Goulart, que assumiu com o povo brasileiro sérios compromissos de defesa da independência nacional e das liberdades democráticas.

Várias manifestações têm partido das correntes nacionalistas condenando enèrgicamente tôda concessão aos imperialistas. E' necessário, porém, que tais manifestações se façam com um vigor ainda maior. E' enorme, quanto a isso, a responsabilidade do movimento sindical, das entidades estudantis, da Frente Parlamentar Nacionalista, de todos os patriotas, enfim. Da luta de nosso povo é que depende, afinal, que o govêrno abandone o caminho das capitulações, repila as exigências colonialistas dos trustes ianques e do FMI e ponha em prática uma política econômico-financeira que, preservando a soberania nacional, abra reais perspectivas para o progresso do País e a melhoria das condições de vida das grandes massas trabalhadoras e populares.

Aumentou Sensìvelmente a Produção da Petrobrás

A PRODUÇÃO da PETROBRAS dos principais derivados de petróleo: gasolina, óleo combustível e óleo Diesel, em 1962 aumentou de 36,8% em relação a 1961. E isso apesar de a Refinaria Landulfo Alves ter ficado parada, no início do ano, cêrca de um mês, em virtude de erros anteriores. Mas de tal modo se procurou corrigir tais erros que a produção aumentou sensivelmente no segundo semestre; e assim, em 1962, a Refinaria Landulfo Alves produziu 352.605 barris a mais que em 1961.

A Fábrica de Fertilizantes que, em 1961, produziu de amônia, ácido nítrico e nitrocálcio, respectivamente 15.408 toneladas, 46.216 toneladas, 49.545 toneladas, passou a produzir, respectivamente, ..., 19.090 toneladas, 54.518 e 54.768 toneladas.

Em março de 1962 entrou em operação a Fábrica de Borracha Sintética — produto até então importado — abastecendo o País, e, com capacidade para exportar. Seu faturamento foi de 3.300.000.000,00 cruzeiros.

Em novembro de 1962 entrou em operação a Planta de Gasolina Natural, aproveitando os gases (até então queimados) dos poços de Petróleo da Bahia, para produzir diàriamente 503 barris de gasolina e 200 toneladas de GLP.

As equipes de geologia e geofísica em operação passaram de 319.6 turmas-meses em 1961 para 382 turmas-meses em 1962. E, sobretudo o trabalho de geologia e geofísica foi elevado qualitativamente, introduzindo-se novos métodos na gravimetria, que permitiram a descoberta de novos campos no Recôncavo. Sem dúvida, a metragem perfurada baixou de 342.840 metros em 61 para 237.987 em 1962. E' que não se deve perfurar, por perfurar, dilapidando-se o dinheiro da PETROBRAS. Deve-se perfurar, na base de locações tècnicamente bem feitas. E por isso, com menor perfuração, porém, com mais trabalho de geologia e geofísica, descobriram-se 11 novos poços pioneiros, comercialmente produtores, manifestações de quase cêrca de 11 novos campos As reservas recuperáveis de petróleo, sobretudo com os sucessos obtidos no último trimestre, aumentaram, já na fase de produção, de mais de 10% em relação a 1961. Mas, calcula-se que o aumento de tais reservas, de acôrdo com os estudos e perfurações em andamento, sejam de 30 a 60%. Nunca, em nenhum outro ano, na história da PETROBRAS, houve tal sucesso na descoberta de petróleo.

Em começo de janeiro de 1962, eclodiu a greve nos campos de produção, determinando só ela uma redução da produção de cêrca de um milhão de barris, durante o ano. A produção, no primeiro semestre de 1962, por isso e pelo atraso na chegada de equipamentos importados devido à escassez de divisas, foi de cêrca de 8% inferior à de igual período de 1961. Mas já no segundo semestre a produção ultrapassava a de igual período de 1961, sendo que nos meses de novembro e dezembro dêsse ano, a produção foi, respectivamente, de 102.654 e 103.602 barris-dia — quantidade jamais antes alcançada. A maior média mensal anterior, em barris dia, foi de 97.306 em agôsto de 1961. E entramos em 1963 com a produção no mesmo ritmo, mas com as melhores perspectivas de crescimento.

Em 1962, iniciaram-se as obras das Refinarias Alberto Pasqualini, Gabriel Passos, Oleoduto Rio-Belo Horizonte, Conjunto Petroquímico da Bahia, Fábricas de Asfalto de Fortaleza e Bahia. Continuaram as obras de montagem da unidade de craqueamento catalítico na Refinaria Duque de Caxias; iniciaram-se os trabalhos em São Mateus do Sul, Paraná, para a construção da usina-protótipo de industrialização do xisto.

A carga transportada pela Frota Nacional de Petroleiros, em 1962, foi de 36,8% superior a de 1961.

A PETROBRAS, em 1962, pela sua atividade, realizou uma poupança direta de divisas da ordem de 208 milhões e 804 mil dólares contra 193 milhões e 464 mil em 1961. E isso, sem falar na poupança indireta de divisas pelo incentivo por ela dado à indústria nacional. O faturamento da PETROBRAS, em 1962, foi de ..... Cr$ 226.493.612.000,00 contra Cr$ 142.272.744.000,00 em 1961.

A PETROBRAS, em 1962, penetrou no campo da distribuição, iniciando a venda de derivados de petróleo aos órgãos estatais e paraestatais sem os grandes intermediários tradicionais, com imensa vantagem para a economia nacional.

A PETROBRAS em colaboração com a Marinha de Guerra produziu o óleo especial para os navios de guerra — Navy Special — até então importado. Quando navios de guerra foram para o Nordeste, a fim de proteger os nossos pescadores, a PETROBRAS colocou à disposição dos mesmos, a pedido da Marinha, um petroleiro, com todos os elementos necessários ao seu abastecimento. A PETROBRAS já iniciou o fornecimento de derivados ao Exército e está estudando tal fornecimento à Aeronáutica. Está, assim, contribuindo diretamente para a segurança nacional, para o fortalecimento do Poder Nacional.

A PETROBRAS tem lutado com as dificuldades cambiais, com a escassez de divisas, não tendo em 1962, devido a isso, recebido todos os equipamentos e material importados, convenientes a seu desenvolvimento.

A PETROBRAS é dirigida por um Conselho de Administração, e na parte executiva, pela Diretoria, como um colegiado. Cada Diretor tem sua área de contrato, de supervisão. As decisões finais são sempre tomadas coletivamente.

A PETROBRAS deu passos decisivos, para a frente, em 1962. E assim continuará em 1963.

(Transcrito do "Diário de Notícias", de 3 de março de 1968).

Nota Econômica

Jesué Almeida

Exportar, mas sem engordar tubarões

Quase diàriamente chega ao conhecimento da opinião pública a pretensão de grupos exportadores no sentido de ser modificada a taxa de câmbio, claro que no sentido da desvalorização do cruzeiro. É o caso dos exportadores de algodão, de amendoim, de carnes, de lã e até de milho. Não é difícil descobrir por trás dos testas-de-ferro que postulam a medida poderosos grupos estrangeiros: no algodão, os trustes SANBRA e Anderson Clayton, que já estão com o grosso da futura safra comprada e também controlam a comercialização do amendoim; nas carnes, os frigoríficos estrangeiros, usando como vanguarda alguns industriais gaúchos; no milho, a EBEC dos srs. Nelson Rockefeller e Renato Costa Lima e assim por diante.

Ninguém de bom senso põe em discussão a necessidade de incrementarmos as nossas exportações, como condição mesma para podermos comprar lá fora o de que necessitamos para complementar a economia nacional. Mas, isto não pode significar de modo algum, como tem ocorrido até aqui, que os demais setores econômicos e antes de tudo as grandes massas consumidoras devam sacrificar-se para que meia dúzia de potentados cresça ainda mais. Ora, é precisamente o que ocorrerá se o govêrno vier a atender à pretensão de desvalorização do cruzeiro, condição reclamada pelos grupos exportadores para colocarem no exterior aquilo que êles dizem exceder o consumo interno. Nada justifica neste momento a alteração da taxa de câmbio do Banco do Brasil, que paga 460 cruzeiros por dólar de mercadoria exportada. E não se justifica porque, como acentuávamos em nota anterior, a desvalorização interna do cruzeiro em 1962 foi pràticamente compensada pelas sucessivas desvalorizações empreendidas pelas autoridades cambiais. Por isso, alterar a taxa agora seria mesmo que entregar a êsses exportadores massas adicionais de dinheiro — dinheiro tirado do resto do povo.

Segundo cálculos publicados no Plano Trienal entre 1953 e 1961, através dêsse mecanismo de elevação das taxas de câmbio, verificou-se uma transferência de renda dos demais setores para o setor exportador da ordem de 30% do valor das próprias exportações. Quer dizer: enquanto outros grupos da população sofriam com a inflação, através da diminuição do seu poder de comprar, com os grupos exportadores dava-se o fenômeno inverso: recolhiam enormes lucros com a inflação. De fato, continuam a fazê-los, pois, como se viu também em [illegible] as desvalorizações cambiais do cruzeiro anteciparam-se à desvalorização interna da moeda.

Há, todavia, outros aspectos. Tomemos o caso do milho. Fala-se na existência de um excedente de 60 ou 70 milhões de sacas na safra dêste ano. Mas, excedente em relação a quê? Aos atuais padrões de consumo, naturalmente. Pergunta-se, porém: serão rígidos êsses padrões, ou, ao contrário, podem ser ampliados mediante, por exemplo, uma ampla expansão da parcela de milho na alimentação humana? Cada povo come o pão pelo qual pode pagar. Se é insuficiente a produção nacional de trigo e se assim permanecer pelo menos por mais dois ou três anos, uma política justa será aquela que estimule o consumo de outras farinhas, em primeiro lugar a do milho. Mesmo que isso leve a uma intervenção nos moinhos.

Ou vejamos o caso da carne. Descendo do seu altar, o embaixador Lincoln Gordon veio ensinar-nos que poderíamos obter nada menos de 200 milhões de dólares mediante a exportação de carne. De passagem, fêz uma afirmação que deve ser corrigida: a de que os preços internacionais da carne não apresentam a tendência para a baixa, mas sim para a valorização. As estatísticas dizem o contrário. Assim, uma tonelada de carne congelada, que nos proporcionou cêrca de 535 dólares, em 1960, já em 1961 não deixava mais do que 492 dólares e em julho de 1962 havia caído para 416 dólares. Nos últimos meses, em relação com a ruína da economia argentina, baixou ainda mais: situa-se em tôrno de 360 dólares. Significa isto que à taxa de 460 cruzeiros por dólar, uma tonelada de carne vendida ao exterior proporcionaria ao exportador a soma de 156 mil cruzeiros, inferior à que êle obtém vendendo o produto no mercado interno; daí a exigência de mais cruzeiros por dólar de carne exportada... Além dêsse há outro aspecto fundamental na exportação de carne: estatísticas da FAO assinalam que depois da guerra está ocorrendo uma diminuição no consumo de proteínas de origem animal nos países subdesenvolvidos. O Brasil, apesar de possuir o quarto maior rebanho bovino do mundo, está precisamente neste caso. Com efeito, de acôrdo com o Balanço Alimentar elaborado pela Comissão Nacional de Alimentação, tem diminuído nos últimos anos o consumo de carne por habitante em nosso país. Se em 1958 cada brasileiro consumia em média 24,1 quilos de carne por ano, em 1959 o mencionado número caía para 23 quilos e em 1960 para 21 quilos.

Assim, ao preconizar que devemos exportar mais carne, também aí o embaixador Gordon está defendendo os interêsses do seu país, dos Estados Unidos, que, apesar do progresso alcançado ainda não descobriram um meio de produzir excedentes de gado e de proteínas animais... Eis porque, na formulação de uma política de exportação, devem ser levados em conta diferentes elementos. E o último não deve ser o interêsse do povo brasileiro, seu direito a ter para comer pelo menos aquilo que é produzido aqui mesmo.

Governador da GB não suporta a cultura

DEPOIS DAS PROFESSÔRAS E ENGENHEIROS: MÉDICOS SÃO ALVO ATUAL DO ÓDIO DE CL

O sr. Carlos Lacerda, como um bom nazista, não pode ouvir a palavra cultura sem levar a mão, à maneira de Goebells, à coronha do revólver. Tem êle, ao lado do ódio geral que nutre pelos trabalhadores, uma especial ojeriza pelos intelectuais. Talvez sua frustração literária o tenha levado a essas reações. Começou com as professôras, passou para os engenheiros, e ùltimamente os médicos têm sido o objeto preferido da sanha do governador.

A imprensa noticiou, nos primeiros dias dêste mês, a demissão do dr. César Augusto Chiafitelli, pela falta "gravíssima" de representar o Serviço Nacional do Câncer, como delegado do govêrno brasileiro, ao Congresso Internacional de Câncer recentemente reunido em Moscou.

CLIMA DE TERROR

O fato de o Congresso ter sido realizado na capital soviética poderá ter contribuído para o agravamento do estado psíquico do governador. Já afirmou êle, reiteradas vêzes, que "funcionário do Estado da Guanabara não viaja para os países socialistas". Não poucas licenças têm sido negadas a servidores estaduais para competições esportivas, encontros culturais, bôlsas de estudo, etc. Mas a verdade é que tôda a classe médica que serve ao Estado está sendo alvo do ódio do sr. Lacerda, e os exemplos de perseguição são bem numerosos e atingem mesmo os mais ferrenhos udenistas e lacerdistas.

No dia 12/6/62, o "Diário Oficial" publicava o ato do sr. Lacerda punindo os drs. Cláudio Borges Neves, Joaquim Silveira Thomaz e Eva Geiger, da Biometria Médica, sob a acusação de terem concedido licenças graciosamente. No D.O. de 18/1/63 está a punição dos drs. Alberto da Rocha Moreira e Atílio Conte, acusados de assinarem cartas de ponto antecipadamente. Mais recentemente, o dr. José Augusto Brêtas foi suspenso por 90 dias, antes da abertura de qualquer inquérito administrativo, sob a alegação de ter arrancado do chão, onde estava chumbado, um aparelho oftalmológico, o que teria possibilitado a sua danificação.

Freqüentemente, médicos lacerdistas são desmoralisados, ao terem notícia, através da leitura de jornais, de suas demissões ou afastamento de postos de direção.

LEIGO CONCEDE LICENÇA

Com o intuito claro de humilhar a classe médica, o sr. Carlos Lacerda resolveu (está no D.O. de 11/2/63) passar a concessão de licenças por motivo de saúde para a alçada de chefes de serviço, e outros burocratas, leigos, tirando essa atribuição do Serviço de Biometria Médica. Não satisfeito com essa medida, está no artigo 5.º dessa lei: "o médico que atestar falsamente para fins de licenciamento do serviço estadual, será denunciado ao órgão de fiscalização profissional e processado criminalmente". O critério para apurar a falsidade do atestado é o do sr. Lacerda e seu grupo, o que naturalmente dispensa outros comentários.

Já há quem afirme, com segurança, que o ódio do sr. Lacerda contra os médicos decorre, fundamentalmente, da dificuldade que têm encontrado os especialistas em curar sua insanável psicopatia...

NAZISMO NOS HOSPITAIS

O ambiente entre os médicos da Guanabara é de terror, insegurança e constantes ameaças. Nos hospitais, o clima é de pavor e as arbitrariedades já constituem norma.

Há relógios de ponto, fiscalizados por "olheiros" do governador, freqüentes suspensão de pagamento das gratificações, punições, transferências, etc.

Chegam a tal extremo essas violências, que nunca foram tão numerosos, como o são agora sob o govêrno Lacerda, os pedidos de aposentadoria de médicos de prestígio.

Da mesma forma são humilhados os médicos admitidos sob o regime das leis trabalhistas. Suas carteiras profissionais são assinadas por subalternos e os salários irrisórios são recebidos com extrema dificuldade.

HSG: CABEÇA DE PÔRCO

A outrora famosa Casa de Saúde Pedro Ernesto, atualmente Hospital dos Servidores da Guanabara, mais parece agora uma "cabeça de porco", apesar do elevado gabarito dos seus médicos. Todos os projetos de ampliação e aperfeiçoamento dos serviços do HSG foram congelados no atual govêrno. No centro da cidade, há uma extensa área desapropriada, com galpões construídos em frente, e exibindo como de hábito a clássica placa anunciando uma nova realização do sr. CL.

Mas tudo ficou na placa. O servidor da Guanabara não tem o bom hospital que merece e na antiga Casa de Saúde Pedro Ernesto reina a maior confusão, faltando tudo, inclusive porque falta aos médicos a necessária tranqüilidade para exercer sua profissão.

ASSOCIAÇÃO PROTESTA

A Associação Médica do Estado da Guanabara tem protestado contra tôdas essas arbitrariedades. Ainda agora, acaba de conclamar a classe médica em geral a que preste tôda a solidariedade aos colegas punidos e demitidos. Tem assinalado aquela entidade a necessidade de lutas mais intensas, no sentido de exigir do Govêrno que cessem as ameaças e a humilhante fiscalização sôbre os médicos bem como para que sejam imediatamente iniciadas as obras do Hospital. Uma outra importante reivindicação dos médicos é o pagamento em dia e em dinheiro (ninguém quer ouvir falar em apólices) das gratificações devidas a êsses profissionais

O órgão dos médicos estaduais vem também solicitando o apoio das demais organizações de funcionários do Estado, e conclama os médicos que estejam em cargos de chefia a que se demitam, solidários aos colegas perseguidos, e até que sejam restabelecidas as antigas atribuições do Serviço de Biometria Médica.

O Fevereiro de 1948 na Tchecoslováquia

No dia 25 de fevereiro, foi comemorado na Tchecoslováquia o 15.º aniversário da vitória dos trabalhadores sôbre a reação entreguista. A imprensa ocidental tem-se ocupado inúmeras vêzes dos acontecimentos de 1948, que levaram a Tchecoslováquia, país industrializado e desenvolvido, ao caminho do socialismo. Escreveu-se sôbre a intervenção soviética, embora naquele momento não estivesse no país nenhum soldado da URSS. Falou-se em terror comunista, embora no decorrer de tôda a crise, a partir de 20 de fevereiro e até o seu fim, não tenha havido mortos nem feridos. Noticiou-se que houve violação da Constituição e do Direito, não obstante ter sido a crise resolvida integralmente dentro dos marcos da legalidade e das leis tchecas em vigor, e o nôvo ministério tenha sido confirmado pelo sr. Eduardo Benes, presidente burguês da República.

Que aconteceu realmente, na Tchecoslováquia naquela época?

Havia então nesse país, seis partidos importantes. Nas eleições de 1946 — pleito considerado pelo embaixador dos EUA como absolutamente livre — o Partido Comunista surgiu como o mais forte. Assinale-se que já antes da guerra era êste um dos maiores partidos políticos na Tchecoslováquia burguesa. Em 1946, o Partido Comunista obteve mais de 40% dos votos. Com o Partido Social Democrático, cuja liderança, pelo menos em sua maioria, apoiava a política dos comunistas, êles somavam 56% dos votos e, conseqüentemente, a maioria no Parlamento e no ministério. Dos 26 membros dêste, 12 representavam os partidos burgueses.

Já no após-guerra, no ano de 1945, foram nacionalizadas as indústrias-chave, bancos, instituições monetárias, assim omo tôdas as riquezas naturais. De acôrdo com a vontade do povo trabalhador, os comunistas, no fim de 1947, propuseram a nacionalização de tôdas as emprêsas capitalistas que tivessem mais de 50 empregados e outras medidas contra o capital especulativo.

Os ministros burgueses resolveram então, ao lado de tôda a reação, impedir estas medidas e salvar o capitalismo e o entreguismo procurando fazer o país retrocender. Sob o pretexto ridículo de que o ministro do Interior havia realizado algumas modificações de caráter pessoal em sua pasta, demitiram-se no dia 20 de fevereiro todos os ministros burgueses, pondo em prática o plano que antes haviam preparado.

O "premier" comunista Klement Gottwald não lograria formar um nôvo govêrno sem a sua participação e dos social-democratas, com cuja renúncia contavam, pois tinham assegurado a elevação de alguns direitistas à liderança do PSD. Fracassado o comunista Gottwald, seria encarregado da formação do ministério um dos políticos reacionários, que formaria o gabinete excluindo os comunistas. Seria, enfim, formado um ministério que, pouco a pouco, iria anular as conquistas do povo trabalhador e modificar a política externa que se apoiava no Tratado de Amizade e Cooperação com a União Soviética.

Êste plano foi considerado como absolutamente certo e exequível, não levando em conta os partidos burgueses a vontade do povo, que aplaudiam permanentemente com palavras de ordem sôbre democracia e liberdade.

Os sindicatos unidos — grande conquista dos trabalhadores no após-guerra — organizações da juventude unida, entidades femininas e tôdas as demais organizações populares disseram um "Não" decisivo. O povo se declarou em greve geral de uma hora e demonstrou pacificamente nas ruas a sua vontade e, juntos com os comunistas, marcharam também membros dos partidos entreguistas. Tão espontânea era a manifestação popular — como o provaram vários acontecimentos — que os jornais de dois dos mais fortes partidos burgueses deixaram de circular porque os seus empregados recusaram-se a imprimi-los e difundi-los.

O povo apoiou plenamente as restrições ao capital espoliativo, como o provou o Congresso dos Sindicatos, realizado a 22 de fevereiro — e convocado muito antes da crise. A votação foi de 8.000 a favor da nacionalização e apenas 10 contra.

Exigiu também o povo que se reorganizasse o ministério e que fôsse aceita a demissão dos ministros reacionários, substituindo-os por outros membros dos mesmos partidos, mas que seguissem uma política nacional e não entreguista. Ninguém pensava na liquidação dos outros partidos e ninguém os liquidou. Diga-se, de passagem, que êsses partidos existem e funcionam na Tchecoslováquia até hoje.

Nesse interim, o primeiro ministro Gottwald estava negociando com o presidente Benes. Sugeria que fôsse aceita a demissão dos ministros entreguistas e o ministério completado de acôrdo com as exigências do povo. Os reacionários não lograram grangear o voto dos social-democratas, cuja liderança expulsou três dos principais aliados do grande capital e na sua maioria permaneceu fiel aos princípios da Frente Nacional, formada depois da guerra.

No dia 25 de fevereiro, o primeiro-ministro Gottwald chegou a um acôrdo com o presidente, que assinou a lista do nôvo ministério, incluindo, como antes, representantes de todos os partidos.

Em face disto, pergunta-se aos que muito escreveram sem nada ter visto, quem eram os golpistas? Quem provocara a crise do govêrno e se esforçara para que a Tchecoslováquia se entregasse ao capital norte-americano? Quem apoiava a política atômica dos EUA, ameaçando a paz? Quem preparava o golpe popular naquele país?

Êste, não foram os comunistas. Não foi a "pressão da União Soviética", cujos soldados não estavam em território tcheco. Ao invés disto, pouco antes da crise, chegaram a Praga 50 altos oficiais norte-americanos, como "turistas" e, no secretariado do mais forte partido burguês, o dos Socialistas Nacionais, foram encontradas armas preparadas para o golpe. Foi a reação, foram os gorilas tchecoslovacos, os que estavam preparando a conspiração.

Não houve violência, não houve terror, não houve supressão das liberdades cívicas, acusações com que os anticomunistas profissionais procuram intimidar os patriotas. A propósito, dê-se a palavra ao honrado deputado do Parlamento inglês, sr. Platts-Mills, que declarou o seguinte, no dia 26 de fevereiro, através do rádio.

"Cheguei a Praga no dia 24, exatamente no momento da solução da crise. Testemunhei a apresentação do nôvo ministério por parte do primeiro-ministro. Êle o fêz numa reunião de mais de 200 mil pessoas, ou ainda mais, na Praça Wenceslau. Nunca na minha vida eu havia visto tanta gente reunida. A coisa mais impressionante foi quando avistei um grupo de mulheres que abraçou e beijou alguns policiais. Até aquêle momento não havia notado a presença da polícia. Entretanto, nos jornais londrinos de hoje leio que as ruas foram inundadas de guardas. Isto pode ter acontecido, mas, se é verdade, havia então uns 200 mil guardas fantasiados de operários e que, evidentemente, tinham trabalhado tôda a manhã numa fábrica. E essa multidão apoiou abertamente a solução encontrada. Posso testemunhar o entusiasmo daquela gente ao ouvir os nomes dos novos ministros. Excepcional foi a acolhida do "premier" Gottwald e aos ministros comunistas..."

O povo tchecoslovaco venceu devido ao fato de se ter formado, no após-guerra, uma frente única de operários, camponeses, intelectuais e das camadas patrióticas da pequena e média burguesia, o que impediu a dispersão de suas fôrças e contribuiu para a formação de organizações unidas de massas, antes de tudo o Movimento Unido Sindical. O povo confiava no Partido Comunista, que durante a guerra liderou a resistência nacional contra o nazismo.

Mais de 26.000 de seus membros pagaram com a vida esta atividade. Confiou na União Soviética, porque sua vitória sôbre o nazismo salvou-o do extermínio e da tirania. Na verdade, é difícil fazer-se uma idéia do nazismo pois não existe pena capaz de descrevê-lo realmente.

O povo tchecoslovaco venceu de forma pacífica, legal, e provou que é possível chegar ao socialismo por caminhos pacíficos, mesmo num país altamente industrializado. As indústrias tchecas aumentaram a partir daquela época em quatro vêzes e a Tchecoslováquia é hoje uma nação que estende sua mão amiga e aberta para a coexistência e a competição pacíficas a tôdas as nações de boa vontade do mundo inteiro.

«FORMAÇÃO DO PCB»

Do companheiro Ezio Misuri, velho combatente do Partido Comunista Italiano, residente em Florença, recebeu Astrojildo Pereira uma carta, da qual destacamos os trechos abaixo, relativos ao livro **Formação do PCB**:

"Li seu livro de ponta a ponta. Parece-me muito interessante: há nêle preciosos elementos de história do movimento operário e comunista. Mas aquilo que mais me agrada em suas páginas é o método corajoso de crítica e autocrítica que orienta a redação das mesmas. Agrada-me, igualmente, o estilo simples, corrente: sente-se, pelo estilo, que as coisas escritas são coisas vividas pelo autor. Sente-se, mesmo sem qualquer palavra neste sentido, que é uma história "feita" e não só escrita. Penso que o livro fará sucesso.

Agora, um pequeno reparo. Na página 60 do seu livro há uma referência a "Umberto Terracini, um dos fundadores do PC italiano, depois exilado no estrangeiro por muitos anos e que regressaria à Itália eleito senador, após a liquidação do fascismo." A referência contém um equívoco. Terraccini não estêve exilado. Viveu vida clandestina desde os primeiros tempos do fascismo, com algumas breves prisões, sendo prêso definitivamente em agôsto de 1926, processado em 1928 e condenado a 23 anos. Liberto em 1943, passou à Suíça, de onde retornou à Itália pouco depois. De fevereiro a dezembro de 1947, Terraccini foi presidente da Assembléia Constituinte. Eleito em seguida senador, pôsto que ocupa até hoje."

Curso de Filosofia Marxista

O Centro de Estudos Sociais comunica que os certificados de freqüência do curso de filosofia marxista, recentemente proferido, na ABI, por Jacob Gorender, lá se encontram à disposição dos interessados, na sede da revista *Estudos Sociais* (rua São José, 50, s/502), entre as 14 e as 17 horas, nos dias úteis.

LIVROS MARXISTAS ?

Economia, política, filosofia, história, ciências, direito, esclarecimento político e outros.

O mais completo stock de livros em português. As mais recentes edições em espanhol, inglês e francês, editadas na URSS e em outros países.

Solicite catálogo completo à AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL

Jurandir Guimarães
Rua 15 de Novembro, 295 - 2º sala 209

SÃO PAULO

Atendemos pelo Reembôlso Postal

Teoria e Prática

Apolônio de Carvalho

"Por que os estudantes são uma fôrça revolucionária ?"

(Pergunta do leitor Joarez A. Braga, de São Paulo)

Antes de tudo, porque são, em seu conjunto, parte integrante de nosso povo, das fôrças sociais avançadas e progressistas de nosso país; porque constituem o setor mais combativo de nossa intelectualidade tradicionalmente revolucionária.

E não podia ser de outra forma. Já vai longe o tempo em que o estudo era monopólio exclusivo dos filhos dos senhores de letras e do grande capital. A fome de saber própria das massas trabalhadoras, as exigências novas de nosso desenvolvimento econômico e a elevação do nível de consciência de nosso povo exprimem-se, também, numa participação crescente das fôrças populares no domínio da cultura e do movimento escolar. A maioria dos estudantes universitários é formada, já hoje, de representantes das classes e camadas médias. Essa composição popular é naturalmente, mais intensa e evidente nos quadros do ensino secundário. Em cêrca de 680 mil famílias da Guanabara, por exemplo, apenas 1,6% — 10.522 famílias — tinham, em 1959, uma renda mensal superior a 10 mil cruzeiros; os 98% restantes dispõem, mesmo hoje, em média, de uma renda mensal inferior a 50 mil cruzeiros — e uma entre 4 dessas famílias conta um estudante do curso médio, ginasial ou colegial. 15 a 20 por cento dos secundaristas cariocas freqüentam os cursos noturnos, como decorrência de seu trabalho na indústria, no comércio, nos bancos, nas repartições públicas, nos escritórios, particulares ou oficiais. Êsses índices são ainda mais altos em São Paulo, particularmente na capital. No conjunto do país, só o SENAC abrange quase 50 mil estudantes secundários, em seus estabelecimentos de ensino profissional.

As estatísticas mostram, assim, de maneira clara, o conteúdo social predominante em nossa população estudantil. E' uma conquista árdua que não se fêz sem lutas e sacrifícios. Ao contrário: ela é o resultado de um esfôrço constante das massas populares no sentido da cultura, do trabalho qualificado, do avanço técnico, da especialização. Os trabalhadores — disse Lênin — buscam a ciência e a técnica avançada com o mesmo empenho com que as plantas procuram o sol. Resta, agora, analisar o papel e a responsabilidade das demais fôrças sociais de nosso país, no quadro da cultura e, em particular, da educação.

Aqui aparece, em tôda a sua frieza o caráter retrógrado e antipopular do Estado brasileiro. Até 1930, os senhores de terras e os agentes do imperialismo basearam seu domínio e seus privilégios no atraso e na deformação de nossa economia, no obscurantismo crônico e na exploração desenfreada do povo. Daí, os horizontes estreitos à cultura, à formação técnico-profissional, ao livre desenvolvimento da intelectualidade. Daí, uma infância e uma juventude condenadas sistemàticamente, ao trabalho precoce, ao analfabetismo, ao esgotamento rápido ou à vida sem horizonte dos marginais. Muito mais que sôbre a população adulta — em que mais da metade é constituída de analfabetos — o caráter retrógrado do Estado pesa, assim, sôbre a infância e a adolescência de nosso país.

Em 1950, havia no Brasil 7,5 milhões de alunos de escolas primárias, numa população de 14 milhões entre 7 e 14 anos; 1 milhão e 200 mil alunos do curso ginasial em 11 milhões de adolescentes de 12 a 18 anos; menos de 100 mil universitários, num total de 9 a 10 milhões de jovens entre 19 e 25 anos. "O rendimento de um sistema escolar mede-se, porém, pelo número dos que se diplomam em seus diferentes níveis de ensino". E aqui entra a influência das condições de vida da população brasileira sôbre as perspectivas de estudo, a freqüência, a capacidade de assimilação. Eis porque os dados sôbre os que iniciam o curso primário e o curso médio ainda não dizem tudo. As estatísticas de 1959 mostram que, em 1.000 crianças de 7 a 11 anos, apenas 517 têm escolas e se iniciam no curso primário; destas, somente 40 chegam à quarta série, 22 inscrevem-se no primeiro ano do ginásio, 12 concluem o ciclo ginasial, 6 matriculam-se no ciclo seguinte (colegial) — e, finalmente, 2 apenas entram para uma escola superior.

Êsse quadro explica porque a juventude estudantil tem no Estado e nas classes dominantes de hoje, inimigos sistemáticos de suas aspirações, de seu presente e de seu futuro. Como todos os jovens brasileiros os estudantes são as primeiras e as maiores vítimas de um regime político baseado nos restos feudais e na espoliação imperialista. Seus interêsses mais profundos identificam-se, assim, com as exigências de nosso desenvolvimento social e impõem a liquidação dêsses fatôres de repressão e de atraso. Suas reivindicações de liberdade e de cultura, de democratização do ensino, de campo aberto à pesquisa e às vocações, a integração da formação profissional com os problemas de nossa realidade, estão ligadas à luta de todo o povo por um poder político nôvo, capaz de romper a conciliação com o latifúndio e o imperialismo e iniciar o desenvolvimento econômico independente de nosso país. Não sem razão, a Resolução Política de setembro de 1960 sublinha seu papel entre as fôrças fundamentais da frente única nacionalista e democrática.

Veremos a seguir, as fôrças sociais que, no seio de um govêrno nacionalista e democrático, poderão responder, de maneira efetiva, às aspirações da massa estudantil brasileira.

CONGRESSO DE SOLIDARIEDADE A CUBA

Em fins de março, realizar-se-á um dos atos mais importantes já efetuados até hoje de solidariedade a Cuba: o Congresso Continental de Solidariedade a Cuba. Conta êle agora com o apoio de centenas de personalidades de numerosos países do mundo, dirigentes sindicais e estudantis, parlamentares, cientistas, homens, mulheres e jovens das mais diversas filiações partidárias e tendências políticas, mas todos irmanados pelo desejo de salvaguardar a independência e a soberania da República de Cuba.

O Congresso Continental será precedido, no Brasil, de uma reunião de amigos do povo cubano, procedente de todo o País, os quais debaterão questões candentes como a autodeterminação e a não-intervenção dos povos — princípios que exigem sejam respeitados neste momento em relação a Cuba, mas que interessam vitalmente a todos os países, em particular os países subdesenvolvidos.

Todos os trabalhos do Congresso, em consonância com o temário geral, têm como lema fundamental a defesa do direito de autodeterminação e de não-intervenção na República de Cuba, ante a certeza de que a destruição dêsses direitos ameaça igualmente o Brasil e a todos os povos da América Latina. O Encontro Nacional e o Congresso Continental, colocam-se, assim, em apoio à política externa soberana expressa pelo presidente da República, e portanto, em refôrço a essa orientação independente, que traduz os mais legítimos sentimentos do povo brasileiro.

AUTONOMIA

A Comissão aprovou a concessão da mais ampla autonomia às Secretarias e Subsecretarias, Comissões e Subcomissões, a fim de que com a solidariedade do povo brasileiro, solucionem tanto quanto possível, por si mesmas, todos os encargos que lhe estão afetos. Êsses encargos evidentemente são inúmeros, indo desde a publicidade e a divulgação, até ao levantamento das acomodações domiciliares, obtenção de transportes voluntários, levantamento de recursos financeiros e outros.

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO

Englobando nomes da maior projeção política no país, que desde o primeiro momento deram sua solidariedade à causa do povo cubano, foi na oportunidade escolhida a Comissão de Coordenação Política do Congresso Continental destinada a manter contato com o govêrno brasileiro, a fim de que os trabalhos do Congresso se processem normalmente.

RELATÓRIO GERAL

Lido pelo Secretário-Adjunto da Subsecretaria do Congresso Continental, foi aprovado o relatório dos trabalhos até agora realizados. Mais de duas mil convocatórias e convites foram expedidos a personalidades e entidades mundiais e continentais, sendo que cêrca de 1.500 personalidades e entidades de classe, organizações patrióticas e estudantis, dos Estados e Territórios do Brasil. Cêrca de 70 documentos de solidariedade e apoio ao Congresso, do continente e de tôdas as partes do mundo, foram recebidos pela Comissão Organizadora.

FINANÇAS

A Comissão Organizadora aprovou igualmente recomendação às entidades e Comissões de Solidariedades dos Estados e Territórios, no sentido de intensificarem a obtenção de recursos financeiros através das listas de ajuda já enviadas e da venda de bônus, pelas entidades e estabelecimentos credenciados. A Comissão de Finanças foi autorizada a fazer a mais ampla colocação de bônus, em tôdas as camadas populares, de modo que o povo brasileiro tenha a mais completa participação no Congresso.

A propósito da Resolução de Dezembro

A Situação Internacional Facilita Nossa Luta

J. Câmara Ferreira

O primeiro item da Resolução Política aprovada pelos comunistas brasileiros em dezembro último refere-se às linhas mais gerais da situação internacional e a algumas de suas particularidades mais importantes. Ali se diz que *"as lutas do povo brasileiro desenvolvem-se atualmente no quadro de uma situação internacional caracterizada pelo fortalecimento acelerado do campo socialista, que se vai transformando em fator determinante do desenvolvimento social; pelo aprofundamento da crise geral do capitalismo, que entrou em sua terceira etapa com a particularidade de não estar vinculada a uma guerra mundial; e por novas vitórias da causa da paz em face das tentativas desesperadas dos círculos imperialistas no sentido de desencadear uma nova guerra"*. Analisa, depois, ràpidamente, a crise de Cuba e a questão da Aliança para o Progresso.

Essa referência inicial era imprescindível porque a nossa orientação política decorre, em grande medida, da atual situação internacional. O mundo de hoje é completamente diferente do que tínhamos não apenas antes da Segunda Guerra Mundial, mas também nos anos que se lhe seguiram. O enorme poderio do campo socialista, o desenvolvimento da crise geral do capitalismo, o avanço do processo das lutas emancipadoras dos povos das antigas colônias e países dependentes abre novas perspectivas para as grandes massas do nosso povo e cria condições mais favoráveis para uma parte da burguesia nacional resistir à pressão do imperialismo.

O PODERIO DO CAMPO SOCIALISTA

Hoje, são as próprias publicações burguesas que reconhecem ser mais rápido o ritmo de desenvolvimento da economia dos países socialistas.

Realmente, de 1957 a 1962, o volume da produção industrial nos países do campo socialista aumentou de 70%, enquanto nos países capitalistas cresceu de apenas 25%. A produção industrial dos países socialistas já atinge, hoje, 64% da produção total dos países capitalistas mais desenvolvidos, aí incluídos os Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Japão, etc. — todos países de velha estrutura e tradição industrial.

Na URSS, nos primeiros quatro anos do plano setenal (1959/62) verificou-se um crescimento de 46% na produção industrial, quando o plano previa um aumento de apenas 39%. Hoje, a URSS supera os Estados Unidos não apenas no ritmo do aumento da produção industrial, mas também no aumento anual bruto de grande número de produtos. A agricultura soviética dá um grande passo à frente com a colheita, em 1962, de 9 bilhões de "puds" de cereais de tôdas as qualidades. A renda dos trabalhadores aumentou de 18% nesses quatro anos. De 1957 a 62 foram entregues casas novas a 74 milhões e 200 mil pessoas. No domínio da técnica, o progresso soviético desperta o entusiasmo de tôda a humanidade avançada. O vôo conjugado de Nicolaievitch e Popovitch demonstrou com clareza que a URSS se encontra, nesse terreno, muito à frente dos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, o plano de construção do comunismo — aumento de 5 vêzes o produto social global entre 1960 e 1980 — mostra o que será a União Soviética, tanto no terreno da produção quanto no do bem-estar geral, dentro de 20 anos. É isso que rouba o sono dos miliardários norte-americanos, que se dão bem conta da incapacidade da economia capitalista de acompanhar tal desenvolvimento e compreendem que dentro de poucos anos até as pessoas mais atrasadas se terão dado conta das indiscutíveis vantagens do socialismo sôbre o capitalismo.

Panorama muito diferente apresenta o mundo capitalista. Nos Estados Unidos, a recuperação da crise de que só saíram no primeiro semestre de 1961 e que determinou uma queda de 8% na sua produção industrial, se faz em meio a grandes dificuldades. O número de desempregados anda por volta de 5 000 000. A indústria manufatureira é utilizada em apenas 83% de sua capacidade. E a indústria metalúrgica não atinge os 55%! Enquanto, nos países socialistas, a dificuldade está em construir mais ràpidamente um maior número de altos-fornos, nos Estados Unidos quase a metade dos existentes continua de fogos apagados. Por outro lado, em pleno período de "recuperação" da economia norte-americana, a bôlsa de Nova Iorque foi prêsa de terrível pânico mais de uma vez, nos meses de maio e junho de 1962. Na célebre "segunda-feira negra", as perdas só foram inferiores às verificadas no dia do "craque" de 1929. Na Inglaterra, a crise crônica persiste e o número de desempregados já atinge 600 000. A economia francesa tem suas dificuldades agravadas. O ritmo de desenvolvimento da economia alemã e italiana — apresentadas como "milagres do capitalismo" até há pouco — cai ràpidamente. Na Itália, o desemprêgo atinge quase 10% da população ativa do país.

Essas dificuldades econômicas estão na raiz do agravamento das contradições interimperialistas. Depois de ter estimulado a recuperação industrial da Alemanha e da Europa capitalista, em geral, os Estados Unidos pretendem agora levar suas mercadorias a essa área e disputam com os exportadores dêsses países os mercados mundiais. A recusa francesa à entrada da Inglaterra no M.C.E. é uma forma de defesa contra as pretensões e imposições norte-americanas. Essa disputa se manifesta também de forma muito viva no terreno das armas atômicas. O govêrno inglês submeteu-se, afinal, à imposição de Washington, abrindo mão do projeto Skybolt e concordando em receber os foguetes Polaris em 1970. Mas a França recusou tôdas as propostas nesse sentido. Por outro lado, a recusa do govêrno canadense a formar no clube atômico norte-americano tem um profundo significado. O jôgo dessas contradições é muito complexo e dêle temos apenas uma idéia muito pálida. Mas é evidente que elas tendem a aguçar-se daqui para a frente.

EMANCIPAÇÃO E PAZ

As lutas pela emancipação nacional e pela paz também registram novas vitórias. A libertação da Argélia, a proclamação da República no Iemen, o acôrdo no Laos, a incorporação do Irian à Indonésia, as derrotas dos reacionários e dos intervencionistas norte-americanos no Vietnã do Sul são alguns dos elementos desta luta. Ela não se processa sem uma forte resistência das fôrças mais reacionárias e do imperialismo, que em determinados momentos conseguem também obter êxitos, como no Congo, ou dividir as fôrças emancipadoras, como na Argélia e na Tunísia. Mas, de uma maneira geral o que se constata é que se aprofunda a crise do colonialismo.

A mais importante vitória das fôrças da paz neste período foi, sem dúvida, a obtida quando da crise de Cuba. Os planos cuidadosamente traçados e tôda a mobilização do imperialismo norte-americano não conseguiram conduzir à realização dos seus sonhos: a liquidação do socialismo na América Latina. A firmeza e a maleabilidade das fôrças da paz, tendo à frente a União Soviética; a firmeza do povo e do govêrno cubanos; a exigência da opinião pública mundial fizeram fracassar as esperanças dos intervencionistas e provocadores de guerra. O fato de o govêrno brasileiro ter tomado, nessa oportunidade, posição contra o ataque a Cuba exprime tôda a profundidade adquirida pelo sentimento em favor do respeito à autodeterminação dos povos em nosso País.

COEXISTÊNCIA PACÍFICA

Afirma-se, assim, e torna-se cada vez mais claro para os povos de todo o mundo o verdadeiro sentido da política de coexistência pacífica, defendida com tanto ardor pelos países socialistas e pela União Soviética em primeiro lugar. Trata-se de assegurar as condições mais favoráveis para a vitória do socialismo no processo de emulação econômica pacífica. Trata-se de deter a mão dos agressores, impedindo que exportem a contra-revolução, que sufoquem os anseios de libertação nacional e social das massas. A política de coexistência pacífica corresponde, assim, tanto aos anseios e interêsses dos povos dos países socialistas, quanto das massas trabalhadoras e populares de todo o mundo.

•

Nestas condições, avançam também as lutas de emancipação do nosso povo. Essa situação internacional constitui por si mesma a melhor propaganda do socialismo que poderíamos desejar. Já não se trata de provar teòricamente que o trabalhador pode emancipar-se. Basta apontar o exemplo concreto da área imensa onde mais de um bilhão de sêres humanos acabaram de uma vez para sempre com a exploração do homem pelo homem e constroem o socialismo, constroem com suas próprias mãos a felicidade sôbre a terra. Lá não há crise, não há desemprêgo, não há exploração e a barca do socialismo demanda veloz o futuro, cheia de confiança. E não se trata apenas de países distantes, de terras desconhecidas, com tradições muito diferentes. Eis que também aqui perto, na própria América Latina, ali em Cuba, um povo até há pouco miserável e escravizado pelo imperialismo norte-americano, se emancipa e trata de construir seu futuro pelo caminho do socialismo. Êstes fatos repercutem profundamente na classe operária, entre os camponeses, entre as camadas trabalhadoras das cidades e os intelectuais.

Por outro lado, a fôrça econômica do socialismo e a disposição dos países socialistas de opor-se às manobras intervencionistas do imperialismo estimulam uma parte considerável da burguesia nacional a lutar em defesa de seus interêsses, quando êstes entram em choque com os dos exploradores internacionais. Em grande medida é estimulada por esta situação internacional a posição assumida por elementos da burguesia brasileira e do govêrno denunciando o saque sofrido pela economia nacional, notadamente através do comércio externo e estabelecendo relações com os países socialistas. Graças a isso, estabelecem trocas em pé de igualdade e mutuamente vantajosas, beneficiando-se em certa medida do seu avanço técnico. A burguesia se utiliza dêsse fator também como elemento de pressão para obter certas concessões dos países capitalistas.

Isso não significa, evidentemente, que tenha mudado a natureza de classe da burguesia. Esta deseja para si o monopólio da exploração da classe operária e do povo brasileiro. Mais ainda, a timidez com que a burguesia se utiliza das grandes possibilidades abertas pela existência de um forte campo socialista só se explica pelas ligações que mantêm com as camadas mais retrógradas das classes dominantes e pelo temor a um movimento de emancipação de caráter popular. E, sem dúvida, por isso que, embora reconhecendo a necessidade de reformas de estrutura, os homens do governo encaminham a realização de um plano que tem em vista apenas "dar uma arrumação na casa". Ora, a maneira como estão dispostos os móveis dentro de uma casa não aumenta substancialmente sua área útil. O próprio presidente da República, respondendo ao Comando Geral de Trabalhadores, reconheceu que não se pode meter um pé 44 num sapato 35. Mas, o que se pretende com o Plano Trienal é precisamente isso: forçar o pé a contrair-se ou deixar o paciente simplesmente descalço. Porque por três anos se pretende ficar tratando apenas de arranjar a casa e esse arranjo vai sendo feito a custa do povo, que paga mais imposto de consumo, mais pela gasolina, mais pelo pão, mais pelos serviços públicos. Apela-se para os patrões a fim de que não elevem os preços de suas mercadorias, mas se anuncia a disposição do govêrno de impedir qualquer elevação salarial durante um ano e de impor ao funcionalismo um aumento de apenas 40% quando o custo de vida terá subido, até abril, de 65 ou 70%! Para os industriais, meiguos e inocuos apelos; de que eles se riem. Para os trabalhadores, negativas puras e simples. E já se anuncia nôvo reajustamento das taxas cambiais, a pretexto de estimular as exportações, reajustamento que vem ao encontro dos interêsses dos grandes firmas exportadoras, na sua maioria estrangeiras, mas que contribuirá para uma nova e grande alta no custo da vida.

Entretanto, nas novas condições do mundo existem possibilidades sumamente favoráveis a um desenvolvimento diferente e é por isso que se vêm batendo os trabalhadores. Lutando pelo fortalecimento de sua unidade e pelo estreitamento de sua ligação com as amplas massas camponesas, os trabalhadores levantam a bandeira da união de todos os patriotas, de todos os brasileiros — com exceção apenas dos que preferem ficar do lado dos nossos exploradores — para a luta pela emancipação nacional, pela realização das reformas de base indispensáveis ao progresso do País e ao bem-estar do povo. Os trabalhadores lutam pela união de todos os nacionalistas e democratas e por um govêrno nacionalista e democrático. Através de sua ação, a classe operária, os camponeses, os estudantes e a intelectualidade, lutam para trazer para essa frente única a burguesia ligada aos interêsses nacionais, isolando-a dos círculos mais reacionários e favoráveis aos compromissos com o imperialismo.

Chamando a atenção para o importante elemento constituído pela situação internacional, a Resolução de dezembro alerta os comunistas para terem sempre e cada vez mais em conta êsse fator. Tanto na atividade parlamentar quanto nas negociações políticas, tanto na atividade sindical quanto nas emprêsas, êsse fator deve ser atentamente acompanhado e levado em conta para a justa aplicação de nossa tática de frente única.

O Problema da Personalidade na Arte

Grigori Chukrai
Diretor cinematográfico soviético

O período do após-guerra distinguiu-se, na cinematografia do Ocidente, pelo triunfo das tendências progressistas. Essas tendências manifestaram-se na arte cinematográfica da França, Inglaterra, Estados Unidos e outros países capitalistas, encontrando sua expressão mais brilhante no cinema italiano, na corrente realista a que se deu o nome de *neo-realismo italiano*.

Nas películas dos neo-realistas italianos transluzem um vivo sentimento humano e uma profunda meditação sôbre a vida do povo. Os neo-realistas não procuravam os heróis cinematográficos nos palácios e nos salões, mas nas ruas das cidades, nos bairros operários, nos campos. A pobreza e a miséria de seus protagonistas contrapunham a pureza de suas almas. A arte neo-realista da Itália se rebelava contra as injustiças sociais e exaltava, ao mesmo tempo, a beleza do homem, de seu corpo e de seus sentimentos. Os protagonistas dos filmes neo-realistas sabiam sonhar e realizar nobres ações. Talvez o mais belo naquelas películas fôsse o sadio amor humano nelas refletido.

Agora, a crítica cinematográfica do Ocidente considera neo-realismo como o "ontem do cinema". Nas telas ocidentais imperam hoje os filmes que mostram todo gênero de horrores, assassinatos, crueldades, perversões sexuais e anomalias morais e psíquicas.

Os personagens dêsses filmes são prostitutas, rufiões e homossexuais. Nêles, o amor e os sentimentos puros e naturais dos homens são considerados como algo que passou de moda. A beleza e a poesia do corpo humano, em particular da mulher, são despojadas de seu valor com nus absurdos e todo tipo de ultrajes contra êle, perpetrados diante dos espectadores. Estertores agônicos, vômitos de sangue, estalidos de ossos que se partem, cenas de violação e abjeções semelhantes são objeto de deleite estético nas películas atuais.

A preferência por tais películas e seu êxito poderiam ser atribuídos a uma moda que as qualifica de "última palavra na arte", ao insano interêsse do pequeno burguês por tudo que seja "sensações fortes", à natureza mercantilista da cinematografia burguesa e ao interêsse político de círculos influentes da burguesia em filmes dêsse tipo. Entretanto, essa explicação não seria completa.

Na cinematografia ocidental há muitos artistas sinceros e honestos que falam dos horrores e das ignomínias da vida, não com o fim de produzir um falso sensacionalismo ou de cumprir uma encomenda social da burguesia, mas porque sentem a necessidade artística natural de exprimir sua atitude ante a realidade. Suas películas não são de modo algum uma apologia do regime burguês. Hoje, quando, por exemplo, a Itália burguesa se acha em momentos de ascensão econômica e de aparente bem-estar, seus artistas mais notáveis criam filmes que mostram a grave moléstia da sociedade burguesa, o profundo processo mórbido de desarmonia entre indivíduo e a sociedade, a *crise do indivíduo*, seu embrutecimento e sua degradação.

Sem dúvida, *A Doce Vida*, de Federico Fellini, foi um acontecimento na arte do Ocidente. Seu enorme êxito de público, os elogios recebidos da crítica, os numerosos lauréis ganhos em festivais internacionais e, por fim, as acaloradas discussões acêrca dessa película provam que nela são abordados importantes problemas da vida. Êsses problemas podem ser interpretados de diferentes maneiras, mas diante dêles não é possível ficar-se indiferente.

A Doce Vida continua até agora a ser objeto de discussões. Uns, embora reconhecendo o talento pouco comum de seu autor, dizem que a película é uma falsidade, uma calúnia sôbre a Itália contemporânea. Outros, pelo contrário, insistem em que o filme é uma verdade que põe a nu a amoralidade das altas esferas da burguesia. E se alega como argumento principal que o refletido nessa película é verídico, pois se trata de fatos conhecidos de todos, que já haviam sido antes recolhidos na crônica de escândalos dos jornais de Roma.

O essencial na obra de arte não reside na autenticidade dos fatos por si mesmos. O espectador crê na veracidade de *Romeu e Julieta*, independentemente de ter o seu criador tomado o tema da realidade ou do mundo de sua fantasia. O essencial da obra artística e de sua veracidade reside *no que* expressa o artista. A veracidade do filme de Fellini deve ser vista na forma de *percepção da realidade* pelo artista, exposta com grande talento em *A Doce Vida*.

A película começa com um episódio magnificamente expressivo. Sôbre Roma, estendidos os braços e bendizendo a cidade, voa o Cristo. Mas não é Cristo, e sim um boneco de papelão, pendurado num helicóptero. Voa sôbre os bairros operários de Roma, sôbre suntuosos palácios em cujos terraços mulheres seminuas gozam a carícia do sol, sôbre a Catedral de São Pedro, templo sagrado de Roma. De súbito, com uma brusca contraposição de planos, Fellini nos conduz a um cabaré noturno, onde morre de tédio a alta sociedade, e atrás da qual farejam os repórteres da crônica de escândalos.

No vértice da película aparece o jornalista Marcello, parte inseparável dessa brilhante sociedade enfastiada. Mas não só de pão vive o homem. Marcello se sente solitário e esmagado nesse mundo ruidoso e cheio de vaidade. Sua noiva é formosa. Êle a ama. Mas êsse amor não os torna felizes — nem a êle nem a ela. Numa vida como a de Marcello o matrimônio é um enfado para o homem. Descarrega sôbre êle um pesado fardo, constrange a sua liberdade. Marcello procura o amor livre e crê que o tenha encontrado. Engana-se, porém: não é amor, mas luxúria e depravação.

Voltar, talvez, aos bons tempos de antes, aos costumes fora de moda, à sua limpa e velha moral? De maneira nenhuma! O admirável e sútil episódio da chegada do pai de Marcello mostra que o retôrno ao passado é impossível.

Que caminho seguir, o que pode salvar um homem prêso nas malhas de uma vida de vaidades? Um milagre, por acaso?

Numa pequena cidade italiana apareceu a algumas crianças a imagem da Virgem. E Marcello vai para o lugar onde se deu a aparição. Compreende fàcilmente que não houve milagre, que se trata de pura ficção de uns impostores que têm em suas mãos a imprensa, o cinema, a televisão e a Igreja, e que as "benditas crianças" não passam de pirralhos aos quais os pais ensinaram a mentir. Não há milagre: o que é mistificação e egoísmo, é uma multidão de seres desesperados terrìvelmente ignorantes, órfãos e infelizes, que precisam acreditar no milagre. E todo o seu desespero se concentra num selvagem histerismo que custa a vida a muitos dêles.

Pode a saída estar na cultura, em servir aos elevados ideais do saber e da arte? Fellini nos descreve o triste e trágico episódio da entrevista de Marcello com um intelectual. Marcello vai a êsse encontro com ilusões. Acaricia a esperança de que o intelectual, homem de família, o ajude a marchar pelo bom caminho. Mas a turbação da alma dêsse homem é mais horrível ainda do que aquela que atormenta o jornalista. Transtornado de pânico diante das descobertas da ciência e da catástrofe que, segundo êle, as descobertas trazem consigo, o amigo de Marcello mata os filhos e suicida.

Aqui, também, um beco sem saída. Tampouco aqui está a salvação.

Sem encontrar um pôrto para sua própria alma, só e aturdido pela vida, Marcello se entrega à mais desenfreada e sombria libertinagem. A penúltima seqüência do filme nos mostra pessoas enfastiadas e embrutecidas pela "doce vida", tendo perdido definitivamente o sentimento da honra, da consciência e da dignidade humana, isto é, de tudo o que distingue o homem dos sêres tradicionais.

Fellini estabelece um paralelo entre essa seqüência e um monstro marinho que alguns pescadores atiraram à praia. Com os olhos sem vida, o monstro fita os seus sequazes na terra.

Na trágica desesperança dessa película se pode morrer por asfixia. Fellini percebe a necessidade de oferecer ao menos um raio de luz aos homens. E vemos uma garôta, símbolo da fé e da pureza, que chama por Marcello da outra margem. Mas êle, ofuscado, submerso no pântano da depravação, surdo a tudo, não ouve a sua voz. Tampouco a ouvem os espectadores, pois é uma voz débil, irreal, e não se sabe ao que ela chama.

Em seu filme, Fellini nos fala com honestidade e talento da espantosa nostalgia do homem nas condições da Itália contemporânea, de suas estéreis buscas de ligar-se à vida e de aniquilamento, dissolução e ruína.

Os ideólogos do capitalismo contemporâneo escrevem e falam muito sôbre a liberdade individual, que segundo êles é um privilégio do mundo ocidental. Afirmam que essa liberdade assegura o verdadeiro florescimento do indivíduo e sua felicidade.

Contudo, as obras mais famosas dos escritores e artistas do Ocidente reproduzem o tenebroso quadro do desencontro entre o homem e a sociedade, o quadro da profunda crise do indivíduo, de seu empobrecimento espiritual e sua decadência.

As causas dessa decadência devem ser encontradas no caráter das relações sociais, que colocaram o indivíduo numa situação de luta contínua de todos contra todos, que esgota as energias do indivíduo e o contrapõe à sociedade.

A falta de uma idéia ampla que irmane os homens e a perda da vinculação com a sociedade são às vêzes interpretadas pelo indivíduo como independência, como liberdade e é motivo, freqüentemente, de presunção e orgulho. Mas, no fundo, a liberdade do indivíduo com relação à sociedade, assim como a liberdade das plantas com relação à seiva que as nutre, significa apenas uma catástrofe.

Surgido da sociedade, enriquecido por sua experiência e dotado de sua vontade, o indivíduo se mostra sempre pletórico de fôrças e de energia criadora. A sensação de que pertence à sociedade, à espécie humana, eleva-o ante os seus próprios olhos. A necessidade de servir à humanidade faz-lhe adquirir consciência de seu próprio valor e de sua importância na vida.

Servindo aos homens, entregando à sociedade as suas melhores fôrças, o indivíduo alcançou sempre a felicidade e a imortalidade. "Homens, eu vos amei. Sêde vigilantes", escreveu Julius Fuchik na véspera de sua execução. "Não choreis por mim nem me tenhais lástima — bradou do cadafalso Zoia Kosmodemianskaia. É uma felicidade morrer pelo povo!"

Em nossa época, são muitos também os homens de brilhante e vigorosa personalidade. Mas se acham fora do ângulo visual dos artistas burgueses, cuja atenção está concentrada no mórbido e atormentador processo do divórcio entre o indivíduo e a sociedade. Sendo, como são, parte integrante de sua sociedade, exploram, refletem e exprimem êsse processo em tôda a sua sordidez. Os protagonistas de suas obras, que perderam os vínculos com a sociedade, são marcados pela melancolia da solidão e pressentem sua queda fatal. Correm pela vida procurando um refúgio e, não encontrando, invocam desesperadamente Deus, ou o repelem com furor, ou se lançam contra tudo o que está em tôrno de si mesmos, possuídos de uma irrefreável ânsia de destruição, ou gemem e gritam aos quatro ventos o drama de sua solidão.

Assim precisamente — *O Grito* — se intitula uma película do magnífico diretor de cinema italiano Antonioni. Em realidade, tôda a obra de Antonioni é um grito desesperado, que nasce de uma trágica sensação de solidão e abandono.

Quando falamos do amesquinhamento do indivíduo na sociedade burguesa não pensamos, naturalmente, em todos os homens que vivem nos países capitalistas, mas nos referimos ao processo que é objeto de pesquisa pelo "nôvo" cinema ocidental.

Não há muito, tive oportunidade de conhecer o diretor de cinema Claude Chabrol, um dos representantes franceses da "nouvelle vague". Vira as suas películas e, embora os problemas que nelas aborda careçam de interêsse atual para mim, compreendia que me achava diante de um sincero artista, que tem suas idéias próprias sôbre a vida e que sente o cinema com tôdas as fibras de seu sutil engenho. Alegrei-me por tê-lo conhecido.

Encontramo-nos numa pequena cidade próxima a Paris, onde Chabrol rodava *Ofélia*, sua última fita. Aí tivemos ocasião de conhecer-nos, conversar e discutir sôbre os princípios de nossa arte. Chabrol defendia o anti-heroísmo. Acreditava que não existem heróis, mas apenas homens que querem viver. Nos apelos ao heroísmo via apenas uma mentira. Não lhe interessava o espírito da façanha, mas — como dizia êle — seu "mecanismo". Discordamos e expus meus argumentos em defesa do heroísmo.

— Não existe o heroísmo? — perguntei eu. Aí está Raymonde Dien, que se estendeu sôbre os trilhos para impedir a passagem de um trem carregado de armas, e aí estão os manifestantes que, sem temor aos riscos, saíram em defesa de seus direitos.

— Mas, que garantia há de que realmente tinham razão? Talvez não devessem agir assim, contestou Chabrol.

— Isso é outra coisa, muito diferente — aleguei. A dúvida sôbre a justeza da ação do herói não exclui a existência do próprio heroísmo. Eu participei na guerra e vi heroísmo autêntico e autênticos heróis. A êles deve o mundo hoje a sua existência. Sua memória é sagrada para mim.

Chabrol ficou pensativo.

— É possível que na França houvesse heroísmo durante a Resistência ... Mas agora não...

Compreendi que o anti-heroísmo defendido por Chabrol com melancólica incerteza não constitui um critério pessoal seu. Chabrol não quer aceitar nada como artigo de fé. Estuda o heroísmo, esforça-se por compreender seu mecanismo e — estou certo disso — chegará a compreendê-lo, sem dúvida.

O anti-heroísmo é uma teoria em voga, muito difundida, cujas raízes são muito mais profundas. O heroísmo foi sempre uma das mais brilhantes manifestações do espírito humano. Joana D'Arc, Zoia Kosmodemianskaia, Savanarola, Giordano Bruno, Frédéric Joliot-Curie ou Julius Fuchik foram heróis cujas façanhas, além de tôdas as demais considerações, conservarão sempre um grande significado e um elevado sentido estético.

Se nos referimos à natureza do heroísmo, deve dizer-se que o principal nêle é, indiscutìvelmente, a profunda compreensão por parte do indivíduo de que se deve por inteiro à sociedade, à espécie humana, a seus semelhantes, ao lado de sua disposição consciente de consagrar tôdas as suas fôrças à luta pela felicidade humana.

Mas quando o homem perde seu vínculo com a sociedade, o heroísmo se torna incompreensível e inexplicável. Para o individualista contemporâneo os ideais sociais significam um êrro ou uma mentira, e os homens são sêres insignificantes que se odeiam uns aos outros. Os que são capazes de um ato heróico devem parecer-lhe um bobalhão, e o próprio heroísmo um engôdo. Entretanto, o desejo de servir à sociedade é uma manifestação normal da personalidade humana. Privar o homem da possibilidade de servir a seus semelhantes representa para êle uma tremenda comoção, que sofre como uma tragédia.

Pouco depois de terminar a Segunda Guerra Mundial, o inspirado diretor cinematográfico norte-americano William Wiler rodou sua película *Os Melhores Anos de Nossa Vida*. Êsse filme mostra, com admirável sutileza e lirismo, a tragédia de alguns homens que, depois de haver conhecido a felicidade de ser cidadãos de seu país e defender com as armas nas mãos os interêsses de sua pátria e de tôda a humanidade, retornam a seu país e caem de nôvo num meio ambiente no qual êsses ideais são condenados ao sacrifício, e não vêem nem sabem como defendê-los. De cidadãos ativos são convertidos em simples contribuintes, impelidos de volta à atmosfera da luta por fins egoísticos, à atmosfera dos interêsses individuais e das aspirações não vinculadas à sociedade. Os antigos soldados são atormentados pelo amargo pressentimento de que perderam algo valioso e necessário. Um dêles, que fora pilôto, vai da cidade ao cemitério de aviões e ali, num aparelho destruído, evoca tristemente os melhores anos de sua vida, perdidos para sempre...

A película *Céu Limpo* narra também a tragédia de um homem que conheceu a felicidade de ser cidadão e dela foi despojado devido à cruel e estúpida desconfiança que imperou em nosso país no período do culto à personalidade.

A tragédia do culto à personalidade reside na desarmonia nas relações entre o indivíduo e a coletividade. Junto com a coletividade, como intérprete de sua vontade e de seus anseios e como agente que adquire consciência, modela e cristaliza a experiência e o desejo da coletividade em forma de noções e idéias, o indivíduo conquista uma imensa fôrça criadora. O homem desligado da sociedade, que se acha à margem dela ou que por meio da fôrça quer dominá-la, é causa da desventura de muitos e de sua própria desgraça.

Não obstante, enquanto a tragédia da pretensa "liberdade individual" é uma chaga da sociedade burguesa, que nasce de seu regime social, a tragédia do culto à personalidade não é mais que um episódio do desenvolvimento histórico de nosso país. O culto à personalidade é estranho ao socialismo. As causas a que obedece não podem ser buscadas nas peculiaridades do regime, mas em condições históricas concretas. Por sua fé sagrada no comunismo, ao qual ofereciam as melhores fôrças de sua alma e com o qual vinculavam seus mais nobres anseios, os comunistas soviéticos podiam supor, com pleno fundamento, que o homem que se achava à frente de sua luta era mais reto e mais desinteressado ainda que êles mesmos. Por acreditar em cada uma de suas palavras, ignorávamos então que o monopólio sôbre a verdade leva à mentira.

O culto à personalidade repercutiu gravemente na vida espiritual do país, em particular na cinematografia. Sob o pêso das normas e exigências dogmáticas daquele período, o cinema soviético, o cinema de *O Encouraçado Potiomkin*, de *Chapáiev* e *O Grande Cidadão*, foi perdendo suas qualidades inovadoras e, mais tarde, em certa medida, até suas qualidades ideológicas.

Após o XX Congresso do Partido, iniciou-se um período de ressurgimento do cinema soviético. Voltaram a aparecer películas exaltando o homem simples, seu mundo interior e sua luta heróica. Filmes como *Destino de um Homem*, *Quando Voam as Cegonhas*, *Altura*, *A Batalha no Caminho*, *Serioja*, *Meu Amigo Nicolai*, *Canção do Berço*, *Nove Dias de um Ano*, *A Infância de Ivã* e muitos outros são testemunho do humanismo de nossa sociedade e de seu vigor espiritual.

Privada de horizontes e não encontrando em tôrno valores de nenhuma espécie, a personalidade vazia e degenerada do individualista tenta buscar consôlo num mundo de sonhos.

Uma das manifestações mais brilhantes dessa tendência é o filme *O Ano Passado em Marienbad*, do diretor francês Alain Resnais, que suscitou grande repercussão e deu lugar a numerosas e contraditórias interpretações.

Por que despertou interêsse essa película?

Antes de tudo, a forma da fita não é a habitual. Sua singularidade e sua inconclusão, o dizer as coisas pela metade causam estranheza ao espectador. Os protagonistas de Alain Resnais não vivem uma vida real. A vida real os entedia. Dela restaram apenas atitudes, cumprimentos formais e ritos. Os hóspedes do hotel Marienbad são manequins contrafeitos. Não se dedicam a nada, nada lhes interessa e arrastam dolorosamente sua cruz: um tédio infinito. O conteúdo de sua vida é um vazio encoberto com jóias, rendas e penteados. Mas existe o mundo dos sonhos, e para êle se encaminham, fugindo de sua vida tediosa. Êsses sonhos são vagos e incompreensíveis. Nêles tudo se reduz a alusões, existe a expressão de algo que os autores nem os protagonistas explicam. Nessas formas estranhas e sibilinas, o espectador procura e chega a acreditar ter encontrado um conteúdo. Em realidade, porém, não há na fita conteúdo algum: seu único conteúdo é o vazio.

Dir-se-ia que o argumento do filme é pura fantasia, amor ideal, em que nada existe de carnal, mas ùnicamente espírito de sonhos e evocações. Entretanto, seu fundo é descarnadamente sensual. Na película não há amor carnal, mas todo o processo de seu desenvolvimento, o motor que o impele, pode ser definido como uma preparação mòrbidamente refinada e sutilizada para o amor carnal. Muitos críticos consideram êsse filme como uma nova palavra na arte. Exaltam sobretudo seus momentos, realmente magníficos e impressionantes da passagem da vida real ao mundo dos sonhos.

A propósito dêsse método, que causou admiração a muitos críticos do Ocidente, recordo com orgulho e calor a poética e viril película *A Infância de Ivã*, do jovem diretor de cinema soviético Andrei Tarkovski, laureado com o Grande Prêmio do último festival cinematográfico de Veneza. *A Infância de Ivã* nos relata a vida de um menino perdido no torvelinho da Segunda Guerra Mundial, de um menino que foi despojado de sua infância...

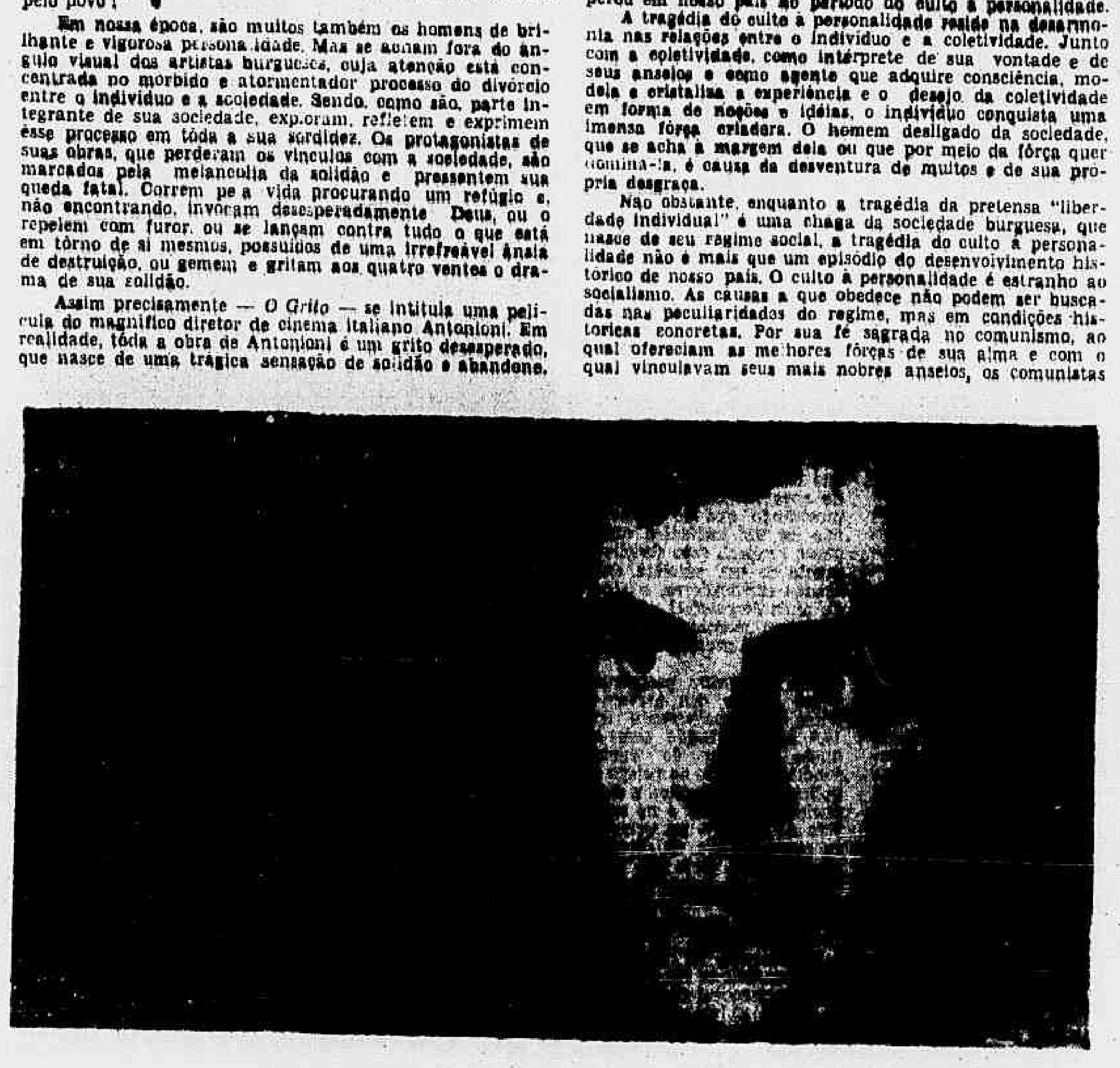
... Era uma infância como a de todos os meninos: com uma sensação de afeto, de alegria e de paz, com gôtas de orvalho na grama, com um bosque profundo, com mariposas, com sol e com uma mãe feliz. De repente, um golpe, um grito, uma explosão e... nada... Só a guerra, a terra deformada pelas bombas e uma criança que serve ao exército no campo inimigo.

Também êsse filme é concebido em dois planos: num plano real, onde se trava uma feroz e gloriosa luta, e no mundo dos sonhos, onde há fragmentos de lembranças de uma infância remota, arrebatada e destruída. Já êsse procedimento pressupõe uma grande bobagem ideológica, e talvez por isso influi tão profunda e fortemente sôbre o espectador. Os protagonistas da película não se entediam, não lhes causa angústia ter a consciência de sua própria insignificância. Sua consciência está limpa e clara. A lama da guerra não os converteu em animais. Pelo contrário, a consciência do dever ante os homens embeleza e faz palpitar sua vida.

Na terrível situação da guerra, em meio à ruína, ao lôdo e à morte, vemos o homem, vigoroso e sem perder seu encanto humano, vemos, diria eu, a grandeza do homem. Nesses protagonistas, tudo é simplesmente humano. Conhecem o preço do amor e da amizade. Sabem o que é o heroísmo, mas não como substância filosófica. Não falam sôbre o heroísmo, e sim vivem como os heróis.

Não comparo, de modo algum, essas películas para rebaixar o valor de Alain Resnais e colocá-lo frente ao jovem Tarkovski. Compreendo que os que se acham no outro polo da arte refletem a vida tal como a conhecem, a percebem e a entendem. Não podem exprimir mais experiências nem mais sensações que as que têm a seu alcance. Sua honestidade é digna de respeito. Limito-me a assinalar o fato de que em meu país, um país que conheceu tantas amarguras e sofreu tantas tragédias, o povo e seus artistas não se des-

(conclui na 7ª página)



Canto de Página

Eneida

Oito de Março

O mundo inteiro comemora amanhã, oito de março, o Dia Internacional da Mulher. Não é essa uma data criada por êste ou aquêle grupo nem por êstes ou aquêles interêsses, mas, pelo contrário, o Oito de Março nasceu da luta das mulheres do mundo pelos seus direitos políticos. Desde o comêço dêste século vinham elas trabalhando em fábricas e oficinas, sem que lhes fôsse dado o direito de participar da vida política de seus países. Assim, quando em 1909, nos Estados Unidos, foi organizada a primeira jornada da mulher levavam elas, para essa reunião, a consciência de suas responsabilidades não mais como sêres indefesos e fracos, mas na certeza de que tinham o direito de um lugar ao sol.

Em 1910, Clara Zetkin, numa reunião de mulheres em Copenhague, propôs que o dia oito de março fôsse consagrado à Jornada Internacional das Mulheres a ser festejado anualmente. Clara Zetkin nasceu em 5 de julho de 1857 em Saxe. Era de origem camponesa dedicando tôda sua vida à causa do povo, sofrendo fortes restrições por parte da reação mas consagrando grande parte de suas energias e capacidade ao movimento feminino. Depois de adotada a decisão sôbre a proposta que fizera ao Congresso Socialista de Mulheres em Copenhague para que fôsse anualmente comemorado o dia 8 de março, Clara teve a grande satisfação de vê-lo festejado pela primeira vez, em 1914, sob as mais sérias condições do mundo em guerra.

A semente plantada por Clara Zetkin, a grande lutadora, não caiu em terra estéril. O movimento feminino cresceu no mundo e em todos os países a mulher começou a ocupar seu lugar nas lutas contra a guerra, contra a exploração e a opressão, lutando pela igualdade política, econômica e social de homens e mulheres, lutando em defesa das crianças e da vida.

Clara Zetkin ficou na história internacional como uma dessas heroínas imortais diante das quais o mundo se curva em reverência. E nós outras, mulheres brasileiras que tanto temos lutado pelos nossos direitos e que bem sabemos hoje as responsabilidades que caem sôbre nossas cabeças, estaremos amanhã comemorando com as mulheres do mundo inteiro, o Oito de Março.

A Comissão Feminina de Intercâmbio e Amizade e o Departamento Feminino do Sindicato dos Bancários estão convidando tôdas as mulheres para a grande festa de confraternização às 19 horas, à avenida Presidente Vargas, 502, 21.º andar. Nessa festa comemoraremos o Dia Internacional da Mulher e a vitória que acabamos de obter com a reforma do Código Civil.

Até amanhã pois, no Sindicato dos Bancários.

Tópicos Típicos

Pedro Severino

LAGOSTRAS

Dois tipos conversando, na esquina da rua São José com a rua da Quitanda, sôbre o caso das lagostas:

— Pra mim, os franceses não estão criando caso por causa das lagostras, não senhor. Estão criando caso mas é por causa de outra coisa...

— Então, é por causa de quê?

— Ora, seu bôbo, você não está vendo logo? O que os franceses querem é aquelas pedrinhas que nascem dentro das lagostras quando elas ficam com câncer. O que êles querem são as pérolas!

Nessa altura não me contenho e entro na conversa:

— Desculpe, mas o cavalheiro não estará confundindo lagosta com ostra?

O sabichão olha para mim, um pouco irritado, e diz:

— É a mesma coisa, meu chapa. Todo mundo sabe que ostra é apenasmente uma abreviatura de lagostra.

FRANCO

O general Francisco Franco, ditador fascista da Espanha, foi visitar certas regiões do seu país atingidas por inundações. Chegando a uma das regiões mais duramente atingidas, foi recebido por um camponês, que lhe falou:

— Já estava esperando que v. exa. viesse nos visitar.

O general se surpreendeu e perguntou:

— Por quê?

Ao que o camponês lhe respondeu:

— Por fôrça daquele provérbio que ensina que uma desgraça nunca vem sòzinha.

GLUTÃO

Telegrama de Nova Jersey, nos Estados Unidos, informa que o cidadão John Sully, de mais de cem quilos, foi vitimado por um colapso, depois de ter comido a sua sexta *pizza* e bebido a sua quinta garrafa de cerveja, ao jantar.

Ao ler esta notícia, o sr. Augusto Frederico Schmidt empalideceu e ligou para o sr. Amaral Peixoto:

— Alô. É o Amaral?

— É.

— Quem fala aqui é o Schmidt.

— O Smith-Weston?

— Não, meu querido. O Smith-Weston é um revólver, ao passo que eu sou um canhão. Quem fala aqui é o Augustinho Frederico Schmidt, vulgarmente chamado "o gordinho sinistro".

— Ah, sim... E o que é que você quer, Schmidt?

— Quero te dizer que está na hora da gente procurar novamente fazer regime, velho. Um agitador comunista italiano chamado "Pizza" já está matando os gordos nos Estados Unidos. E isso não é nada bom, Amaral.

NO RECIFE

Prefeito Aumenta Preço Das Passagens: o Povo Protesta

Dido Mouta

O povo recifense, tendo à frente a Federação das Associações de Bairros do Estado de Pernambuco, vem lutando, organisadamente, contra o aumento escandaloso e escorchante da carestia de vida.

A luta é notadamente contrária à majoração do preço das passagens de ônibus, fato que já se constitui, não só num clamoroso assalto à magra bôlsa popular, como, também, numa demonstração eloqüente e inequívoca de que o poder público municipal está a serviço dos tubarões dos transportes coletivos. Haja vista que, num curto prazo de dez dias, as passagens passaram de 10 para 15 e, logo depois, para 17 cruzeiros, de nada valendo os protestos dos órgãos de classe junto ao vereador Liberato da Costa Júnior, presidente da Câmara Municipal, e, atualmente, no cargo de prefeito, em conseqüência da renúncia do sr. Artur Lima Cavalcanti, eleito deputado federal no pleito de 7 de outubro.

Não satisfeitos, porém, os proprietários de ônibus insistem, agora, em reivindicar o aumento de 17 para 20 cruzeiros, estando a Prefeitura no propósito de atendê-los, o que vem causando descontentamento e protestos populares.

ATUA A FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE BAIRROS

Desde o início das majorações, a FABEP mostrou-se inteiramente contrária aos aumentos. Várias assembléias foram realisadas, nelas tomando parte cêrca de 30 associações de bairros, representando milhares de habitantes do Recife. Seus dirigentes, em especial o presidente, sr. Amaro Wanderley e o vice-presidente, sr. Eduardo Lima, encabeçando muitas e muitas comissões, estiveram em contato direto com os podêres públicos, exigindo, em nome da entidade, que as passagens não sofressem aumentos. Estiveram na Câmara Municipal, entregando aos vereadores um ofício, comunicando-lhes que o povo não permitiria outro aumento. O mesmo fizeram com relação à Prefeitura, comparecendo àquele executivo e, por várias vêzes, discutindo com o prefeito Liberato da Costa Júnior e seus secretários à maneira de as passagens não sofrerem majorações. Apresentaram, então, como solução para o impasse, cinco sugestões, mediante às quais (caso fôssem levadas à prática) a Prefeitura resolveria, de uma vez por tôdas, o problema dos transportes coletivos na cidade do Recife. Entre elas, estava incluída a encampação das quatro grandes emprêsas e a subvenção da parte a ser majorada pela edilidade, isto é, subvenção às pequenas emprêsas.

FALSAS ALEGAÇÕES

A Prefeitura não aceitou as sugestões acima mencionadas. Tanto o prefeito, como todos os seus secretários, ao invés de atenderem às reivindicações do povo, única saída, aliás, para a crise, preferiram ficar ao lado dos tubarões dos transportes, discutindo, horas e horas, madrugada a dentro, não os interêsses da coletividade, mas as "dificuldades econômicas" dos empresários. Pareciam mais advogados dos donos de ônibus defensores, como deveriam ser, de uma população já por demais espoliada nas suas economias domésticas.

Condenaram, por exemplo, a justa e necessária encampação das quatro grandes emprêsas de transportes, sob a falsa alegação de que não não iriam "encampar calhambeques", quando, na verdade, as aludidas frotas de ônibus são constituídas de carros novos e modernos. Enfim, consideraram as sugestões da FABEP, tôdas elas, impraticáveis..

Preferiram, ao contrário, conceder o aumento de passagens, sob outra falsa alegação patronal: de que o aumento salarial, conquistado pelos motoristas, fiscais, despachantes e cobradores de ônibus, forçara a majoração... Os empresários, inclusive, chegaram ao cúmulo de ameaçar não cumprir o acôrdo firmado com o Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e homologado pelo delegado regional do Ministério do Trabalho, caso a Prefeitura não elevasse o preço das passagens.

O resultado não se fêz esperar: na noite de sexta-feira, dia 15, na mesma ocasião em que a FABEP realizava, no "Forum Sindical", mais uma das suas grandes assembléias, num flagrante desrespeito ao povo, o prefeito Liberato da Costa Júnior, atendendo aos tubarões dos transportes coletivos, assinava um decreto-lei, elevando, mais uma vez, os preços das passagens. Entre outros considerandos, afirmava o decreto: "considerando os entendimentos havidos anteriormente pelo secretariado da Prefeitura, por ocasião da última greve do pessoal dos Transportes Coletivos; considerando o parecer da Comissão designada pela portaria n. 68, de 14 de janeiro de 1963, constituída para verificar a incidência do aumento salarial sôbre a tarifa atual; considerando que tem procedência a alegação das emprêsas de transportes coletivos de que no último aumento dos preços das passagens nos ônibus e lotações do Recife, não estava compreendido o real aumento salarial obtido pelos empregados e concedido no início dêste mês".

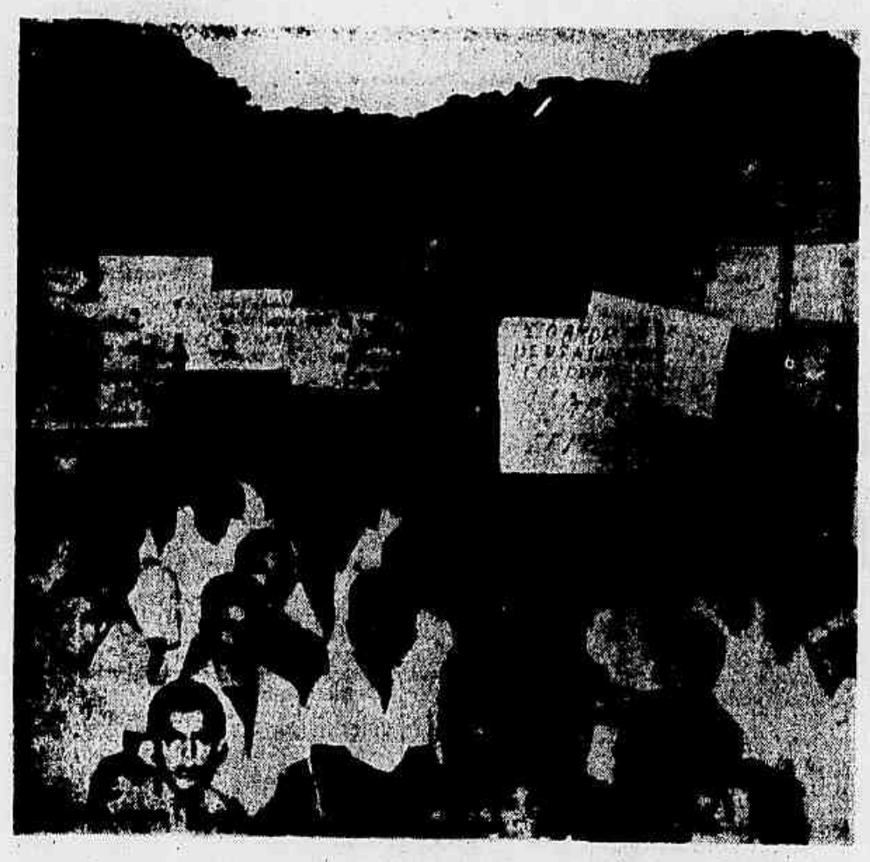
GRUPO DE TRABALHO

Ao mesmo tempo, assinava um outro decreto-lei, criando o Grupo de Trabalho do Transporte Coletivo que, logo abaixo dos considerandos, estava assim redigido: "Art. 1.º — Fica criado o Grupo de Trabalho do Transporte Coletivo (GTTC), com o objetivo de estabelecer uma justa orientação para os serviços de transportes coletivos na cidade do Recife; Art. 2.º — O GTTC constituir-se-á de representantes da Câmara Municipal do Recife, da SUDENE, do Sindicato dos Economistas de Pernambuco, do Conselho Sindical dos Trabalhadores, da União dos Estudantes de Pernambuco, do Centro dos Estudantes Secundários de Pernambuco, da Associação Pernambucana dos Servidores do Estado, da Associação da Imprensa de Pernambuco, da Federação das Associações de Bairros, do Sindicato das Emprêsas de Transportes Coletivos e da Companhia de Transportes Urbanos, em número de um (1) representante para cada, além do diretor do Departamento de Concessões e Permissões. § 1.º — O GTTC será presidido por um representante do Prefeito e por êste designado através de Portaria; § 2.º — Nenhuma remuneração caberá aos membros do GTTC, sendo, porém, considerada a sua colaboração como serviços relevantes prestados à coletividade recifense; Art. 3.º — A Prefeitura porá à disposição do GTTC os elementos necessários à execução de sua tarefa, desde que solicitados pelo seu presidente ao chefe do Executivo; Art. 4.º — O GTTC apresentará ao chefe do Executivo Municipal a contar de sua constituição, um relatório contendo conclusões e sugestões resultantes de seus estudos; Art. 5º — O GTTC só se dissolverá por Decreto Executivo, podendo ser transformado em organismo permanente se assim aconselhar a experiência. Art. 6º — Êste decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário."

A LUTA PROSSEGUIRÁ

Assim mesmo, diante de um fato consumado, a FABEP não arriou sua bandeira de luta. Ao contrário: no dia seguinte, sábado 16, organisou em frente à Prefeitura, por volta das 11 horas, uma concentração popular em sinal de protesto. Usaram da palavra, na ocasião, vários oradores, havendo seus principais dirigentes ido à presença do prefeito, para exigir a imediata revogação do decreto. Mas, como das vêzes anteriores o fizera, o sr. Liberato da Costa Júnior não atendeu aos reclamos do povo.

A luta, no entanto, prosseguirá, afirmaram a êste repórter membros da sua diretoria estando para ser programadas outras assembléias, outras manifestações de rua.



FORTALEZA: 10 MIL PESSOAS NA PASSEATA CONTRA A CARESTIA

FORTALEZA (Do correspondente) — Esta cidade foi teatro, na noite de 12 de fevereiro, de uma das mais impressionantes manifestações populares de que há notícia em sua história. Cêrca de 10 mil pessoas empunhando faixas e cartazes e soltando bombas e foguetes, desfilaram numa gigantesca passeata de protesto contra a carestia de vida e contra o Plano Trienal do govêrno.

Patrocinada pelas entidades estudantis e pelo Pacto de Unidade Sindical, a PASSEATA DA FOME logo contou com o apoio de tôda a população de Fortaleza. A demonstração revelou, particularmente, o alto grau de indignação das massas ante a subida vertiginosa dos preços, bem como a sua firme disposição de luta.

A passeata venceu um longo trajeto, pelas ruas centrais da capital cearense, de aproximadamente três quilômetros. Durante todo o percurso, centenas e milhares de pessoas se postavam nas calçadas, aplaudindo os manifestantes e erguendo também os seus brados de protestos contra a famigerada política de esfomeamento do povo, ora seguida pelo govêrno e expressamente refletida nas linhas mestras do Plano Trienal.

A principal palavra de ordem, da manifestação, e que era pronunciada em côro e em altos brados, pelos participantes da PASSEATA DA FOME, dizia: — "Abaixo a carestia e o Plano Trienal!"

PAROU A FERROVIA

Ponto alto, sem dúvida, da grande manifestação do povo fortalezense, na tarde e noite do dia 12, foi a vigorosa participação da massa ferroviária nos acontecimentos. Assim é que, atendendo a uma decisão adotada pela UNIÃO e pelo SINDICATO, milhares de ferroviários paralisaram completamente o trabalho na Rêde Viação Cearense, a partir das 16 horas, a fim de que todos, incorporados, pudessem comparecer à passeata. Suspenso, pois, o trabalho, nas Oficinas do Urubu, nos Depósitos de Óleo Diesel e nos Escritórios centrais da emprêsa, os ferroviários desceram, em passeata, com suas bandeiras, rumo à Praça José de Alencar, local de onde partiu o desfile popular. Quando a massa ferroviária desembarcou na Praça, pouco depois das 17 horas, foi delirantemente ovacionada pela imensa massa humana que ali se achava postada, aguardando o início da PASSEATA DA FOME.

COMÍCIO

A PASSEATA DA FOME foi encerrada com um comício, na Praça José de Alencar, às 20 horas. Falaram ao povo, entre outros oradores, o líder sindical Moura Beleza, vereadores Tarcísio Leitão e Luciano Barreira, o sr. Leivas Otero, do Movimento Nacional de Solidariedade à Revolução Cubana. Quando êste último orador referiu-se à luta heróica do povo cubano na defesa de sua revolução e sôbre a necessidade da intensificação de nossa solidariedade à Pátria de Fidel Castro, foi demoradamente aplaudido.

Todos os oradores atacaram a orientação antipopular do Plano Trienal, que está servindo para agravar, ainda mais, o processo da carestia, salientando, por outro lado, os seus aspectos de colaboração com a política do Fundo Monetário Internacional.

Os discursos e as calorosas manifestações da massa deram um cunho acentuadamente antiimperialista e particularmente antinorte-americano, à magnífica manifestação do povo de Fortaleza.

Por aclamação e decisão unânime da massa concentrada, ficou assentado que outras manifestações organizadas, ainda maiores que a do dia 12, serão realizadas, nos bairros e no centro de Fortaleza, nas próximas semanas.

LIVROS SOVIÉTICOS

As grandes realizações científicas e técnicas da URSS, em espanhol:

A ENERGIA DO ATOMO, de Grigorov. Livro maravilhosamente ilustrado, encadernado. As conquistas soviéticas no domínio do átomo. Física Nuclear 650

700.000 QUILÔMETROS PELO COSMOS, de Titov. O vôo da nave espacial VOSTOK-2. No livro figuram fotogramas efetuados por Titov e muitas outras fotos documentais 100

NOS VASTOS ESPAÇOS DO UNIVERSO, de G. Tijov. Ilustrado 180

DIREITO:

FUNDAMENTOS DO DIREITO SOVIÉTICO, de varios autores. Direito Civil, agrário, familiar, penal, etc. Enc. 1.200

A ADVOCACIA SOVIÉTICA, de Smirnov e Poltorak 650

EDUCAÇÃO

O PALACIO PERTENCE AS CRIANÇAS, de Brodistakaia e Golovan. Ilustr. 280

A ESCOLA SOVIÉTICA E O AMOR AO TRABALHO, de Sujomlinski. Enc. 300

SOBRE A EDUCAÇÃO COMUNISTA, de Kalinin. Enc. .. 200

A IDEOLOGIA E A CULTURA SOCIALISTA, de Lênin 100

A URSS DE HOJE E DE AMANHÃ. Completa informação, documentada com fotos, diagramas, etc. do que se realiza na URSS em todos os ramos. Encadernado 500

LABORATÓRIOS NO COSMOS, de Zhadnov. Ilustr. 280

APRISIONADO PELOS GELOS, de Tilosnikov. As descobertas científicas na Antártida. Ilustrada e Encadernada 300

GAGARIN — O homem soviético no Cosmos. 50% de ilustrações 100

HISTÓRIA:

HISTÓRIA DA URSS, de Brusov e outros. Da pré-história aos dias atuais. Ilustrada e Encadernada 1.200

HISTÓRIA DO PCUS, por um grupo de autores. Enc. 650

CONHEÇA A URSS:

UM PAIS DESCONHECIDO DUAS VEZES, de G. Paderin. Maravilhoso livro ilustrado sôbre a Sibéria 220

CONSTITUIÇÃO DA URSS. Ilustrado 100

A UNIÃO SOVIÉTICA. Geografia da URSS. Ilustrada e Encadernada 500

PANORAMA DE LA URSS, de Mikilov. Ensaio de Geografia Física e Econômica. Ilustrada Encadernada 300

e muitas outras novidades.
Solicite nosso catálogo completo.
Pedidos à:
AGÊNCIA INTERCÂMBIO CULTURAL
Jurandir Guimarães
Rua 15 de Novembro, 288 - 2º and. - sala 209
SÃO PAULO
Atendemos pelo Reembôlso Postal.

Arrumadores de Fortaleza Lutam Pelo 13.º Salário

FORTALEZA (Do correspondente) — Uma comissão de arrumadores de Fortaleza procurou o correspondente de NOVOS RUMOS, para fazer a seguinte denúncia: setenta arrumadores dirigiram-se ao presidente do Sindicato, sr. Pedro Guedes da Silva, para um entendimento a respeito do pagamento do 13.º mês. Mas a providência que o estranho presidente achou de tomar, foi a de chamar a polícia, "para conter a massa"... Os arrumadores, entretanto, não se intimidaram diante do sórdido processo utilizado pelo conhecido pelego Pedro Guedes. Assim é que, quando a polícia chegou ao local em que se haviam concentrado, deparou-se com a enérgica disposição de luta dos trabalhadores, os quais repeliram, em têrmos, a insólita presença de beleguins e esbirros, ao mesmo tempo em que desmascaravam o gesto de covardia do sr. Guedes, mostrando que se tratava, não de um autêntico dirigente sindical, mas simplesmente de um espoliêta das firmas exploradoras, e ainda mais desprezível por ser, inclusive, membro da própria polícia secreta de Fortaleza.

No momento, prossegue firme a luta dos arrumadores pelo pagamento do 13.º mês contando com o apoio decisivo do Pacto Sindical. Quanto ao pelego e policial Pedro Guedes, a disposição da massa é no sentido de alijá-lo, na primeira oportunidade, da direção do sindicato, pois êle, pela sua baixa condição de achacador e agente provocador que é, não merece a confiança da classe.

Finalmente, a comissão de arrumadores fêz sentir a êste correspondente, que o principal objetivo da presente denúncia é levar ao conhecimento de todo o movimento sindical brasileiro, por intermédio de NOVOS RUMOS (semanário a serviço da classe operária, que circula em todo o país), que existe ainda, no Ceará, um presidente de sindicato, que além de pelego, é agente policial, com carteira fornecida pela Delegacia de Ordem Política e Social. E externar, também, a confiança de que o reinado dos pelegos no movimento sindical brasileiro está sendo seguramente suplantado pela crescente fôrça da organização e da unidade das massas trabalhadoras, na luta vigorosa por seus direitos e reivindicações.

ANIVERSÁRIO DE PRODUÇÃO DA FÁBRICA DE BORRACHA SINTÉTICA

A mais nova das Unidades da Petrobrás e primeira do Conjunto Petroquímico Presidente Vargas (COPEV) (foto) que está sendo construído em Caxias, Estado do Rio, vem de cumprir seu primeiro ano de funcionamento, apresentando um balanço altamente positivo de suas atividades. Destaca-se, em primeiro lugar, o fornecimento de 20 000 toneladas dos elastômeros SBR fornecidas à indústria nacional, representando uma economia de divisas da ordem de 10 milhões de dólares e uma garantia efetiva ao desenvolvimento crescente do parque industrial de artefatos de borracha que já conta com 550 fábricas (eram apenas 70 em 1948). A Fábrica de Borracha Sintética da Petrobrás tem uma capacidade nominal de produção da ordem de 40.000 toneladas, podendo, portanto, exportar seus elastômeros SBR, assim produzindo divisas. Os entendimentos neste sentido encontram-se em fase adiantada com vários países do Continente (esta é a primeira fábrica de borracha sintética em tôda a América Latina) especialmente com o México, Argentina e Chile. Em seus primeiros doze meses de atividades o COPEV faturou 20 000 toneladas de borracha num valor de 4 bilhões de cruzeiros, recolheu de impostos federal e estadual 280 milhões de cruzeiros e contribuiu com 150 milhões de cruzeiros para a Previdência Social.

ANTES DE TUDO, CONDIÇÃO PARA ESTUDAR

Gilberto Gomes de Faria, estudante universitário, enviou-nos uma resposta dirigida por êle a Oscar Mendes, comentarista de um jornal de Belo Horizonte, que atribuira às greves estudantis o grande número de reprovações havidas na Universidade de Minas Gerais: Escreveu o tal comentarista:

"...o mal principal dos nossos estudantes é interessarem-se por tudo, menos pelos estudos. Querem estar em todos os movimentos políticos, sociais, econômicos do país. E mais ainda: querem partilhar dos movimentos internacionais."

Ao que responde Gilberto Gomes de Faria:

"... custa a acreditar que ainda alguém nesse Brasil de tanta miséria e injustiça social, tenha a coragem de atacar uma das camadas que mais sofre a estagnação do processo de desenvolvimento do País e que, por ainda possuir brilho e não desmerecer suas tradições de luta, pugna contra a oligarquia dominante, mesmo sendo muitos dêsses lutadores filhos dessa oligarquia..."

Referindo-se ao descuido dos estudos, responde Gilberto G. de Farias:

"... êsse descuido é mais uma revolta, pois o estudo que nos é dado já não oferece mais as condições necessárias para preparar um jovem honesto para enfrentar a vida."

Prossegue em suas acusações Oscar Mendes: "Depois de semanas, de meses de agitação, de passeatas, de reuniões, de discurseira descabelada, de arruaças, de ócio, como poderiam os alunos ter corpo e espírito prontos para a calma e a concentração do estudo?

E a resposta vem certeira atingir às reais raízes do problema: O senhor esqueceu, em sua crônica, de denunciar que os estudantes não encontram condições para estudar nesse País. Que os estudantes já têm consciência de que estudam (de graça e mesmo êsse privilégio lhe querem arrancar) porque o povo paga. E o senhor ainda quer que haja estudo, que os estudantes se desliguem dos problemas do País e vivam como êsses "intelectualzinhos de araque", fechados em uma tôrre de cristal, sem mesmo entenderem que comem porque o camponês, que não come, trabalha de sol a sol, para morrer de doenças curáveis em pleno século vinte, o século do desenvolvimento das ciências e das técnicas. Que espécie de homens o sr. acha que nós, estudantes, somos?

Gilberto Gomes em sua carta-aberta a Oscar Mendes fala da situação do Brasil explica porque lutam os estudantes, a necessidade objetiva de sua participação e termina dizendo:

"Nós queremos estudar, sim. E estudar muito. Mas queremos, antes de tudo, condições para podermos estudar. Enquanto isso, continuaremos lutando para conseguirmos essas condições."

SE É PROIBIDO NÃO SE DEIXE FABRICAR

Nem no Carnaval tem o povo direito de se divertir. Prova disso é a carta de Mário Ferreira Campello, da Guanabara, que escreve a N. R. contando cena por êle presenciada na segunda-feira de Carnaval, quando a Polícia Feminina, alegando cumprir ordens do juiz, retirou as bisnagas plásticas de crianças pobres que com elas brincavam.

Tendo reclamado contra tal procedimento apoiado por "grande massa que comentava e interpretava o que se passava como manobra desonesta", Mário Ferreira recebeu a resposta de que reclamasse aos jornais, pois se estava errado a culpa não era dêles. E de fato, nos diz êle: "a culpa é de quem permite que isso se dê...", e termina comentando: ..."Deixa-se fabricar, vender, para depois tomar, criando-se incidentes desagradáveis e levando a decepção ao espírito ainda em formação das crianças, despojadas de seu inocente brinquedo."

"O NÃO DO POVO LEVADO ÀS URNAS, TEM O SEU SIGNIFICADO"

O povo brasileiro, cuja consciência desperta cada vez mais para os nossos problemas, não pode se conformar que o apoio dado ao govêrno no plebiscito não se transforme nas mudanças sociais, políticas e econômicas que a realidade exige. A carta de José Gerônimo é uma expressão dêsse inconformismo e da compreensão nítida que surge na consciência de muitos brasileiros.

O significado do "não", diz-nos êle, é um repúdio à exploração de nosso país, à carestia, à remessa de lucros, ao imperialismo, aos maus brasileiros que, no entanto, ainda permanecem nos postos-chaves do País.

Mas, esta política contra os interêsses populares não poderá continuar a enganar por muito tempo "nosso povo já conhece bem o trigo, e também o joio, graças à politização que nêle se opera".

PERDE-SE UM LUTADOR PELAS IDÉIAS SOCIALISTAS

Josrosaw Jebnek, leitor de NOVOS RUMOS, comunica-nos o falecimento de Jóroslow Vidra, natural de Praga, grande lutador pelas idéias socialistas e pela unidade de operários e camponeses". Unimos nosso sentimento por esta perda.

MOTOR BOSSA-NOVA

O leitor Miguel Espinel Boza, de Tupã (SP), escreve-nos entusiasmadíssimo com um invento de um cidadão de Marília, no mesmo Estado, radicado em Tupã, que depois de trabalhar cinco anos conseguiu inventar um motor para automóvel que não necessita de gasolina nem de água para funcionar. O senhor B.E.M., como prefere ser chamado, já registrou seu invento e espera levar os trustes estrangeiros de petróleo à falência, quando começarem a se formar filas à sua porta em busca dessa maravilha da era atômica que é seu motor.

"AMIGO... DO POVO"

Recebemos denúncia de que, em Barretos, o radialista Nadir Kenan procura enganar trabalhadores, se arvorando como seu defensor tendo participado como intermediário entre uma Companhia da cidade e operários em greve pela regulamentação de suas condições de serviço. De fato, os operários foram atendidos em suas reivindicações, porem, depois disso, o tal radialista falando através de sua emissora fêz declarações de haver comunistas entre os operários que estariam subvertendo a ordem, etc., ao mesmo tempo que lastimava a omissão e a passividade das autoridades que não tomavam nenhuma medida contra a intromissão dos comunistas nos sindicatos. Acusou igualmente o presidente da República de estar aliado aos comunistas e de serem êles os únicos responsáveis pela calamitosa alta do custo de vida.

Êste é um exemplo flagrante do que se ensina ao nosso povo através de emissoras distribuídas pelo país nas mãos de pessoas como Nadir Kenan. Um exemplo da "liberdade de expressão": "se se tem poder, diz-se o que se quiser, seja mentira ou verdade, prejudique ou não, até desrespeito e uma infâmia contra o próprio presidente da República" — assinala o leitor que faz a denúncia.

REGIME DE DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS

Com o propósito de jogar uns operários contra os outros a Oficina de Bondes Rio-Light deu aumento aos funcionários mensalistas, recusando-se a pagá-lo aos horistas que estão em atraso há mais de seis anos, informa-nos o leitor Ivo Bugeré, reclamando contra êste regime de dois pesos e duas medidas. Agora mesmo, escreve Ivo Bugeré, "estamos empenhados na conquista do chamado Merecimento, aumento que a Companhia se comprometeu a conceder de dois em dois anos a seus funcionários.

CAMPOS: VIDA AMARGA DOS TRABALHADORES NO AÇÚCAR

— Proibo de usar essa foto. Vou buscá-la para destruir, seja onde fôr — ameaçou em linguajar arrevesado Raymond Desmande, diretor-gerente da Usina Paraíso, como se estivesse em sua casa, e não tratando com um jornalista brasileiro.

A Usina Paraíso, de propriedade da Société Sucreries Bresiliennes, fica em Campos, no distrito de Tocos. É das consideradas usinas médias, empregando cêrca de 500 trabalhadores na fábrica (sem falar no pessoal da lavoura, em número bem maior) e produzindo aproximadamente ... 300 000 sacas de açúcar por safra.

A cena da fotografia se passou no bem montado escritório do diretor-gerente da "Paraíso". Ar refrigerado, poltronas acolhedoras, bebidas de tôdas as espécies, termômetros, barômetros. Era de esperar-se que o francês tivesse aquela reação com a foto tirada naquele ambiente, depois da conversa sôbre as condições de trabalho sob sua direção.

Estávamos na sala do gerente com o presidente e o advogado do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar de Campos, dois delegados sindicais, o repórter de NR, o francês Desmande e uma espécie de capataz, Ferreira, repulsivo "capacho" do gerente, inimigo feroz dos trabalhadores, apesar de, um dia, haver sido um dêles.

ÁGUA COM SAPO

Três problemas levaram a comitiva à usina, problemas que foram explicados num pequeno comício com os trabalhadores na porta da "Paraíso" à hora da saída — 1) falta de água potável; 2) recusa do gerente em reconhecer os delegados sindicais; 3) tentativa de liquidar uma tradição de mais de 20 anos na fábrica quanto à tolerância para os retardatários assinarem o ponto 10 minutos depois do apito de entrada.

A questão mais premente, sem dúvida, é a da água. Cumprindo uma jornada diária de 12 horas de trabalho, os operários têm de levar para a fábrica bules e garrafas para mitigar a sêde, tal a imundície das talhas existentes, piscinas de sapos e outros bichos.

A princípio, na reunião em seu gabinete, o gerente procurou alegar que desconhecia o problema — num atestado de sua péssima administração —, mas depois confessou que o problema existia porque a "Société" negou-se, há um ano e pouco atrás, a fazer uma despesa de cêrca de seis milhões de cruzeiros para tratar a água e torná-la potável. Uma despesa que, isoladamente pode ser considerada grande, mas que em verdade representa muito pouco face aos lucros da companhia e mesmo de suas verbas para subornos, como veremos adiante.

Por fim, irritado por ter de tratar com representantes dos trabalhadores, o gerente foi obrigado a ceder, prometendo que instalaria uns cinco ou seis filtros na fábrica.

TRADIÇÃO

Existe na "Paraíso" a tradição, com mais de 20 anos de vigência, de permitir que os trabalhadores retardatários assinem o ponto até dez minutos após o apito de entrada. Raymond Desmande, que está há uns dois anos gerindo a usina, resolveu acabar com essa tolerância, sem mais nem menos.

O jovem e combativo advogado do sindicato, Ivan Sehra, procurou por todos os meios mostrar ao francês teimoso que a lei não é a única fonte do Direito, que o costume, com uma prática de vários anos, torna-se um direito, tem a *fôrça de lei*.

Não houve jeito. O gerente acabou por perder as estribeiras e dizer que só havia uma maneira de classificar o desejo dos trabalhadores em manter o costume: *vagabundagem*. Eis o conceito de Raymond Desmande sôbre os operários. Simples vagabundos. Mas os trabalhadores sabem e afirmam que vagabundo é êle, o gerente, que vem de fora, sem nenhum esfôrço, com todo confôrto, encher os bolsos às custas do suor e da miséria dos que realmente criam as riquezas.

SUBÔRNO

O subôrno é uma prática corriqueira na usina, essa a razão fundamental para a administração da "Paraíso" negar-se a reconhecer os delegados sindicais dentro da emprêsa, conforme é previsto na Consolidação das Leis do Trabalho.

Insiste o gerente em receber apenas um trabalhador de cada vez, pois assim é mais fácil conversar macio, oferecer regalias e dinheiro, sem testemunhas, e transformar o representante dos operários em seu representante.

Exemplo vivo dessas tentativas de subôrno passou-se com o atual presidente do Sindicato, almirante Costa, um dia em que êle foi com o médico do Ministério do Trabalho à "Paraíso" fazer uma inspeção de salubridade na usina. O gerente, com uma conversa maneirosa, preferiu levá-los a sua adega particular, riquíssima de vinhos franceses os mais finos. Terminada a visita, presenteou o médico e o presidente do Sindicato com duas caixas de vinho. Almirante, para deixar bem clara sua posição, deu, na hora da saída, suas garrafas ao vigia que, com mais de 40 anos de trabalho na emprêsa, nem sequer suspeitava da existência de tais vinhos.

PROGRESSO E MISÉRIA

A usina progride. Quanto a isso não há dúvida. Tanto que agora estão sendo realizadas enormes obras de ampliação. Mas a direção, apesar disso, chora miséria e afirma não ter recursos suficientes nem para tratar a água para que os trabalhadores possam matar a sêde. A foto acima é um aspecto geral da usina Paraíso, purgatório dos trabalhadores.

Vários são os casos de subôrno, principalmente de dirigentes sindicais que, depois de eleitos, amaciados pelos usineiros, renunciaram ao cargo de diretor do Sindicato. Os preços variam. Um presidente, de gestão recente, foi comprado por quinhentos mil cruzeiros, parte em terrenos e parte em dinheiro. E o interessante é que o intermediário dêsses "arregios" era o próprio advogado José Cesar Caldas, que foi expulso do Sindicato por Almirante Costa.

A coisa era de tal ordem, que o tal Raymond Desmande, num momento de maior entusiasmo declarou, segundo o testemunho de operários da sua emprêsa: "Lei no Brasil não existe. Quando é preciso eu compro ela".

Não é de admirar, portanto, a reação do francês ao ser fotografado. Ficou possesso, furioso. Uma verdadeira "bête", vocábulo francês que significa fera, e no caso pode ser traduzida simplesmente por bêsta, tal a cara de Desmande quando olhar a fotografia e ler essas denúncias.

SITUAÇÃO GERAL

Os problemas abordados acima, que focalizaram principalmente a usina "Paraíso", não são exceções. Com casos particulares parecidos a caracterizar cada emprêsa, a atividade açucareira — que atinge cêrca de .... 180 000 dos 300 000 habitantes do município, na indústria ou na lavoura — explora e esmaga os trabalhadores em Campos.

Há 24 usinas (14 no município e 10 nas visinhanças, ligadas ao Sindicato), das quais as maiores são a São José, Outeiro, Tupi, Santa Cruz, Barcelos e Quissamã, empregando cêrca de 30 000 trabalhadores no setor industrial. A nacionalidade dos proprietários é variada, destacando-se, além dos usineiros brasileiros, franceses, inglêses e, recentemente, até cubanos. Trata-se de refugiados da revolução de Fidel Castro que, impedidos de continuar explorando seus compatriotas, para cá vieram, compraram a usina Santo Amaro e passaram a explorar trabalhadores brasileiros.

O regime de trabalho na indústria é brutal, com uma jornada diária de 12 horas na safra e de 8-10 na entressafra, período de seis meses destinado a limpezas e reparos nas máquinas. O grosso dos operários recebe o salário mínimo. E é incomparàvelmente maior o contingente de trabalhadores pagos abaixo do nível mínimo, incluindo-se aí o pessoal dos canaviais e os que trabalham por empreitada.

Êsse trabalho por empreitada é terrível, pois os homens são trazidos de madrugada amontoados em caminhões feito animais, e levados de volta para casa tarde da noite, nas mesmas condições.

A exploração e o desrespeito vão a limites extremos, inclusive com violências inauditas chegando mesmo a espancamentos de trabalhadores, como ocorreu recentemente na usina Sapucaia, de propriedade de João Cleophas, derrotado pelo povo nas eleições em Pernambuco, para o que muito valeu a denúncia feita na ocasião por seus operários.

REIVINDICAÇÕES

Sem falar em aumento salarial, indispensável para fazer frente ao próprio problema da alimentação, máximas são as reivindicações prementes dos trabalhadores na indústria de açúcar em Campos, que lutam denodadamente para conquistá-las.

A assistência social é um caso de polícia. Um decreto-lei de 1943 determinava que se descontasse Cr$ 2,00 em cada saco de açúcar para aplicação na assistência social. Como assistência social, além de cuidados médicos, dentários, hospitalares, etc., o decreto previa também a recreação e a religião. Que fazem então os usineiros? Pagam o dinheiro da verba assistencial e mandam fazer campos de futebol, compram camisas e chuteiras, incentivam os padres e as sociedades carnavalescas, procurando com isso narcotizar os trabalhadores, tentando fazê-los esquecer, com migalhas de recreação, suas doenças e demais misérias.

Assim é a assistência social. Com o tempo, os dois cruzeiros de 1943 foram ficando sem nenhum valor, e hoje a quota aumentou para Cr$ 10,75 por saca (cada saca tem o preço oficial de Cr$ 2.024,00, mas são vendidas até por três mil cruzeiros). Mesmo assim os usineiros relutam em fazer o desconto, e quando fazem é para aplicar o dinheiro em tudo, menos em verdadeira assistência social.

Outra questão muito sentida é a da fiscalização do Ministério do Trabalho nas usinas, coisa que não existe. Há um pôsto de fiscalização instalado em Campos há mais de 20 anos, sem possuir telefone e nenhum material de expediente necessário ao serviço.

Os fiscais são apenas dois. Um subalterno e um chefe. Que chefe! Velho decrépito, bastante doente, o inspetor geral do pôsto não toma nenhuma providência para fiscalizar coisa alguma, por duas razões principais: primeiro porque suas condições físicas não permitem, e segundo porque, como dizem, tem uma fazenda que fornece cana-de-açúcar às usinas, o que o torna muito ligado aos usineiros.

A direção do Sindicato já foi ao Ministério do Trabalho, em companhia do deputado Adão Pereira Nunes, a fim de tentar regularizar o problema, obtendo promessa do ministro quanto à nomeação de fiscais.

Se a assistência social e a fiscalização vão mal, as questões na Justiça vão pior. Há tal acúmulo de reclamações na Junta de Conciliação e Julgamento, que as demandas apresentadas em fevereiro só irão à primeira audiência — que serve apenas para instrução do processo, nada resolvendo — em junho, para depois ficar rolando. E isto calcular os prejuízos para o trabalhador e os benefícios para o patrão com a demora. O Sindicato luta para que seja instalada pelo menos mais uma Junta a fim de facilitar o trabalho.

E o IAPI, para coroar êsse abandono em que se encontram os trabalhadores, recusa-se, apesar do que reza a lei, a atender os dependentes dos contribuintes, obrigando-os a procurar assistência em particulares, o que onera pesadamente seus parcos recursos.

HABITAÇÃO

Tanto os trabalhadores fabris como os do campo moram, em sua maioria, em casas pertencentes às usinas, verdadeiros pardieiros, sem nenhum requisito elementar de higiene. Poucas casas de alvenaria, muitas de palha.

Pois os usineiros têm a audácia de descontar 27% do salário dos trabalhadores a guisa de pagamento de aluguel de suas choças. É o chamado desconto-habitação, que aumenta sempre, automaticamente, cada vez que sobem os níveis salariais.

E não fica nisso o absurdo. Se numa família vários trabalham na usina e moram na mesma casa, todos descontam para o aluguel! Assim, três ou quatro descontando 27% do salário mínimo, que na região é Cr$ 21.000,00, pagam por um casebre Cr$ 17.000,00 ou Cr$ 22.680,00, preço por quanto se pode encontrar um pequeno apartamento em Copacabana.

SINDICATO

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar de Campos foi fundado a 15 de janeiro de 1933, contando, portanto, com 30 anos de existência.

Passados os primeiros tempos de infância do Sindicato, os usineiros começaram a sentir que ali estava o embrião de algo perigoso para êles. Começaram então as pressões e subôrnos de todos os tipos a que já nos referimos, facilitando que pelêgos empalmassem a diretoria e dominassem o órgão classista a maior parte do tempo, com raras exceções.

A luta pela direção do Sindicato sempre foi das mais árduas, visto tratar-se da mais poderosa e importante organização dos trabalhadores do município. Possui sede própria há três anos, um imenso casarão no centro da cidade, com inúmeras salas e um quintal que pode comporter um pavilhão para esportes como vôlei, basquete, futebol de salão, "play-ground" para os filhos dos associados, etc.

Depois de muitos anos de corrupção, os trabalhadores conseguiram eleger uma diretoria decente, encabeçada pelo presidente Almirante Costa, o secretário Amaro Martins e o tesoureiro Euclides Correia da Silva (Tidinho), contando com dirigentes como Otávio das Dores Crespo, José das Dores, Saturnino Cardoso, Wilson Lisboa e Olavo Marins.

LUTAS

Eleita em fevereiro de 1962, a nova diretoria deu uma reviravolta completa no sindicato, procurando acabar com a anarquia e o lixo deixados pelas administrações corruptas precedentes.

Logo de início, a nova direção levou a cabo uma campanha financeira vitoriosa para comprar uma camioneta, o que veio dar grande mobilidade ao sindicato, possibilitando visitas diárias às usinas, mesmo as mais distantes, onde são realizadas reuniões com os trabalhadores na hora da saída, para que êstes apresentem suas reivindicações e os diligentes prestem contas de suas atividades.

A fim de consolidar sua posição dentro das próprias usinas, o sindicato está criando delegacias sindicais nas emprêsas, organismos que servem para obrigar os Raymonds Desmandes a respeitarem os direitos dos trabalhadores. Até agora já foram criadas delegacias em treze das 24 usinas.

Ano passado, organizados no sindicato, os trabalhadores conseguiram arrancar um aumento salarial de 50%, após uma luta em que chegou a haver ameaça de greve. Com a intransigência inicial dos usineiros, os trabalhadores reuniram-se, em assembléia-monstro na sede da delegacia do Sindicato da Leopoldina, em número superior a mil. Não foi possível apurar o número exato de participantes, pois foi necessário suspender a assinatura no livro de presenças para não atrasar a reunião. Diante da fôrça de união demonstrada, nem foi preciso recorrer à greve. Os patrões cederam antes de esgotar-se o prazo de seis dias concedido pelos trabalhadores.

Mas a luta mais importante já realizada pelos trabalhadores no açúcar de Campos foi a participação na greve política de 14 e 15 de setembro de 1962, atendendo às palavras de ordem do Comando Geral dos Trabalhadores, com as reivindicações políticas e econômicas do Plebiscito a 6 de janeiro, aumento do salário mínimo, salário-família, etc.

Foram formadas dois enormes piquetes e, fato absolutamente inédito, quatro usinas — Cupim, Santa Cruz, Queimados e Santo Antônio — tiveram seu trabalho totalmente paralisado durante dois dias.

Atualmente o Sindicato conta com cêrca de 5 000 sócios, e é grande o movimento diário na sede. Basta assinalar que em um ano apenas, o médico atendeu a 3 500 sócios e dependentes, o dentista 1 900 e não têm conta os casos assistidos pelos dois advogados.

Os atuais dirigentes do Sindicato acham que êsse balanço é apenas um bom começo.

DECISÕES DEMOCRÁTICAS

Almirante Costa, atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar de Campos (em primeiro plano à esquerda), visita diàriamente as usinas, conversando com os trabalhadores à hora da saída. Através dêsses debates, o Sindicato pode melhor conhecer as reivindicações dos operários e dirigir com maior segurança suas lutas.

FOTO PROIBIDA

O francês Raymond Desmande, gerente da usina "Paraíso", perdeu a linha ao ser fotografado em seu confortável escritório, de onde comanda a exploração dos trabalhadores, que nem água têm para beber enquanto trabalham. Pena que as condições ambiente não permitissem uma foto melhor, tirada sem "flash". De qualquer forma, é nossa resposta ao atrevimento do gerente querendo espezinhar a liberdade de imprensa.

O Problema da Personalidade...

(conclusão da 5ª página)

vincularam da vida, não perderam o tesouro de sua personalidade. Esta é a verdade.

Há pouco, em Roma, alguns artistas soviéticos discutimos em mesa-redonda com figuras da cultura italiana. Durante o encontro, o grande artista italiano Pasolini, que é ao mesmo tempo romancista, dramaturgo, ator e diretor cinematográfico, elogiou minhas películas e os versos do poeta Ievtuchenko, porém fêz a ressalva de que nossa arte é demasiado ingênua ou, como se manifestou êle, "não tem sentido trágico".

Condenou-nos por essa "falta de sentido trágico". Discordei dessa opinião, e disse que minhas três películas, tanto pela forma como pelo conteúdo, eram autênticas tragédias. *O Quadragésimo Primeiro* apresentei a tragédia do amor da jovem guerrilheira Mariutka por um oficial "branco", cujo desenlace é o tiro fatal disparado por Mariutka nas costas de seu amado. Em *A Balada do Soldado* falo da morte de um rapaz simples e nobre, que podia ter sido um bom filho, espôso e cidadão, que podia ter construído ou embelezado a terra com jardins, mas que só teve tempo para ser soldado. Em *Céu Limpo* narro a tragédia de um cidadão despojado injustamente de sua honra.

Embora todos êsses filmes sejam tragédias, minha concepção da vida e minhas idéias não são trágicas, em sua essência. Isso é resultado de minha educação e de minha experiência política e humana. Isso pode e deve parecer ingênuo a Pasolini, porque sua consciência e sua percepção das coisas são sumamente trágicas.

Accattone, a formosa e triste fita de Pasolini, é marcada por uma trágica concepção da vida. Nêsse filme, Pasolini intervém pela primeira vez como diretor cinematográfico. Foi uma estréia magnífica, como tôda a obra criadora dêsse homem de grande talento.

Accattone (Andrajoso) é o apelido de um rapaz a quem no filme ninguém chama por seu nome. Nem sequer se sabe se o possui verdadeiramente e se êle próprio o recorda. Accattone é simpático, mas só à primeira vista. O que nêle parece atraente ao espectador são apenas os restos de uma personalidade humana destruída. Accattone não trabalha. Vive das prostitutas. Não é néscio por natureza. Às vêzes, tem débeis reações humanas sôbre as coisas e as pessoas que o cercam. Mas seu modo de vida e sua maneira de agir suscitam um horror frio. Nesse homem rompeu-se tôda vinculação com a sociedade, com a família, com seus filhos. Num episódio, Accattone rouba uma medalha que seu filho leva ao pescoço. Não rouba por fome, embora esteja faminto, mas para enganar e prostituir uma jovem que se cruza em seu caminho. Para Accattone não existe nenhuma categoria moral, não existem a honra e a dignidade do homem. Nêle está encarnada a plena "liberdade individual". Tudo isso é pavoroso, repugnante, trágico.

O filme de Pasolini mostra o *desenlace lógico* da evolução da pretensa "liberdade individual".

Accattone... Há coisas que podem levar ao desespêro.

Enquanto que as películas dos melhores diretores do Ocidente, como Federico Felini, Alain Resnai, Claude Chabrol e Pier Paolo Pasolini são reflexo do processo objetivo de decomposição da personalidade na sociedade capitalista, há muitas outras películas que não são reflexo, mas produto dêsse fenômeno mórbido ou, dito mais exatamente, produto da *desintegração da personalidade*.

Os próprios autores dos filmes são afetados por êsse processo de desintegração. Sua personalidade está empanada, limitada; o círculo de seus interêsses é estreito, seus reflexos são débeis; seus sentidos estão embotados e exigem fortes reações. Daí o elevado interêsse por todo tipo de perversões sexuais, violações e monstruosidades eróticas. O individualista burguês contemporâneo é uma personalidade muito desequilibrada, cínica, que com freqüência chega a cair na libertinagem.

Há pouco, tive ocasião de ver um dêsses filmes, que inclusive conseguiu algum prêmio. Seu argumento não ultrapassa o limite das relações sexuais. O ponto culminante do filme é uma seqüência que representa o ato carnal. Êsse episódio é motivo de orgulho profissional para o diretor cinematográfico e de júbilo para alguns refinados "conhecedores da arte".

Os espectadores reagem de maneira diversa ao ver êsse filme. Uns não o entendiam, mas diziam, com confiança: "Talvez deva ser assim, e nisso reside a essência do cinema moderno"... Outros manifestam aberta indignação: "Que pouca vergonha!" E alguém, no escuro, replicava: "Se vocês têm vergonha não venham ao cinema". Rapazes excitados comentavam em altas vozes o que acontecia na tela.

Quando dei minha opinião sôbre a película, meus opositores sorriram com um ar compreensivo.

— Claro — disse um dêles — a vocês, dada sua educação soviética, a audácia choca.

A mim essa película não chocou, apenas me deu lástima.

Quem conheceu libertinos, sabe que êles consideram a audácia como sua melhor virtude. Muitas libertinagens se cometem para que o libertino se sinta homem audaz ou se faça notar diante de outros. Sempre me repugnou essa espécie de audácia.

O individualista burguês contemporâneo, que rolou até à libertinagem, não conhece o amor. Para êle, seu pequeno "eu" híbrido é o umbigo do mundo. É incapaz de compreender e, portanto, de crer na existência das qualidades naturais do homem são, como o amor, o heroísmo, a honra, a dignidade humana e os elevados ideais. E os declara quimeras, pretendendo que todos em tôrno desçam ao nível de suas próprias concepções.

O amor humano e cultura. Foi criado pelos homens. Paralelamente ao desenvolvimento da sadia personalidade humana devem os homens ter-se elevado nesse aspecto sôbre os seres irracionais.

Na criação da cultura do amor humano trabalharam gerações inteiras de artistas, poetas e músicos.

A humanidade foi transmitindo através dos séculos o facho dêsse sentimento. Conduziram-no gigantes como Sofocles, Du Fu, Virgílio, Shakespeare, Puchkin, Firdusi, Goethe, Petofi...

Os pigmeus disseram do amor que êle era uma ingênua superstição. Hoje os pigmeus destroem os palácios para demonstrar que estão construídos com ladrilhos... É uma lástima que essa "audácia" conte ainda com simpatias.

Quando penso nessas películas sempre me lembro de uma fotografia que vi durante a guerra. Um fanfarrão fascista aparece sôbre um montão de escombros, com as pernas abertas e sorrindo. Tôda sua atitude jactanciosa parece dizer: "Isto é obra minha!" Pelo visto, sentia-se herói por ter destruído tanto.

Não é por acaso que tenha recordado o fascismo. A esfera emocional do fascismo guarda relação direta com a estética da arte decadente.

A crítica em voga pode proclamar o decadentismo como "nova arte". E pode, portanto, declarar antiquados o neorealismo italiano e tôda a cinematografia progressista. De qualquer modo, o futuro pertence ao cinema progressista. As modas e as preferências vão e vêm. O que perdura é a arte humana autêntica, grandiosa, plena de vida e eterna.

A arte cinematográfica contemporânea do Ocidente reflete e expressa os processos objetivos que se operam na sociedade burguesa relativamente à degradação da personalidade. Nisso reside seu significado progressista.

Os Rapazes do Anzoategui

CINCO DIAS NO BARCO

O ANZOATEGUI, cargueiro venezuelano de 5.250 toneladas, tinha viagem marcada para Houston, no Texas, EUA. Partiria de Puerto Cabello no dia 10 de fevereiro, faria escala em La Guaira no dia 12 e rumaria para o seu destino às 16 horas do dia 13. No livro de bordo estavam as anotações: comandante, Oscar Pereira; tripulação, 36 homens; carga, 30 tambores vazios. Não iam passageiros.

Medina, 2.º piloto do barco foi quem propôz à Frente Armada de Libertação Nacional a *operação ANZOATEGUI*. Precisava apenas de 8 companheiros, armados, para levá-la a cabo. Êstes foram destacados dentre 300 voluntários do destacamento "Rudas Menzones" que se apresentaram para o feito.

As 22 horas do dia 12 de fevereiro começou a operação. Medina havia sido destacado como oficial de guarda. Quando no barco tudo era silêncio, cinco figuras atravessaram a faixa do cais e penetraram no ANZOATEGUI. Cada um portava uma maleta. Faziam-se passar por embarcadiços. Foram alojados num camarote vazio. As ordens eram terminantes. Não falar e não fumar. Também não comeram e não beberam. Pela manhã, mais três entraram.

As 16 horas, quando o ANZOATEGUI levantou ferros, levava 8 passageiros e uma carga extra: quatro metralhadoras e sete armas curtas.

Depois de duas horas de viagem, Medina foi ao camarote. O plano de ocupação do barco estava delineado.

Agiriam na hora da ceia do pessoal de bordo. A ação se concentraria nos seguintes pontos: ocupação da ponte de comando com a neutralização do oficial timoneiro; detenção do comandante e dos oficiais no restaurante; neutralização do pessoal subalterno no refeitório, nos camarotes e na casa das máquinas.

Às 20,05 precisamente desencadeou-se a segunda fase da operação: a tomada do barco. Divididos em grupos, com seus objetivos determinados, os 9 rapazes se deslocaram pelo navio. 10 minutos depois a operação terminara. Não se verificou um ato de violência durante a ação. Reuniu-se então a tripulação — com exceção do capitão, do chefe da casa das máquinas e do 1.º oficial, que foram alojados num camarote separado — e Medina falou explicando o motivo da empreitada: chamar a atenção do mundo para a situação da Venezuela com o objetivo de demonstrar que a democracia de Bettancourt não passa de uma ditadura de novo tipo. Acentuou que a rotina de bordo seguiria como de costume, agora sob seu comando, e advertiu que não se deveria recorrer à fôrça. Assinalou também que a ação não era dirigida contra os tripulantes do barco.

Por volta de 21 horas o ANZOATEGUI mudava seu curso. Passou a navegar em direção sudeste. Seu novo comando abandonava a rota para os Estados Unidos e marchava em direção a Recife.

PRIMEIRO, SILÊNCIO. DEPOIS, MANCHETES

As 19 horas do dia 14, depois de navegar durante 27 horas pelo mar das Caraíbas sem emitir qualquer sinal de rádio, os transmissores do ANZOATEGUI começaram a funcionar. Anunciavam ao mundo a captura do barco por um destacamento da FALN e os objetivos da operação. O comunicado foi repetido algumas vêzes. Depois os transmissores voltaram a silenciar.

Nem bem os sinais de liberdade e redenção partidos do ANZOATEGUI deixaram de cruzar os espaços, outros começaram a fazê-lo. De Caracas para Washington, para Puerto Cabello. De Washington, do Pentágono, para tôdas bases ianques no Caribe, para tôdas as belonaves e aviões de guerra que cruzam os mares e ares daquela região, diàriamente, como tubarões e aves de rapina voltados contra Cuba. O títere Bettancourt pediu socorro, não tem confiança nos marinheiros de sua frota, nos oficiais. Para a caçada aos rebeldes era melhor o ianque, que o guarda e em quem êle confia.

Assim foi feito. O mar começou a ser patrulhado dia e noite. Demoraram, entretanto, para localizar o ANZOATEGUI. A cegueira enganou-os. A dedução dos generais e almirantes do Pentágono foi imediata, de acôrdo com sua mentalidade: são castristas, comunistas. Então, dirigem-se para Cuba. E estabeleceram o cordão sanitário. Mas, descobriram muito tarde que a rota do ANZOATEGUI não era aquela.

MENSAGEIROS DO TERROR

AVIÕES NORTE-AMERICANOS PRETENDEM SEMEAR TERROR... os transmissores do ANZOATEGUI voltavam a emitir sinais denunciando ao mundo o ataque ao barco por aviões norte-americanos.

Às 9,05 do dia 16 os aparelhos ianques localizaram o barco venezuelano. Montilla, que se achava na vigia, foi despertar Wismar Medina comunicando que um avião desconhecido localizara o ANZOATEGUI. Logo depois 9 aparelhos surgiram no horizonte dirigindo-se para o barco. Depois de sobrevoá-lo durante algum tempo iniciaram manobras tomando posição de ataque. O ruído das explosões não se fez esperar. Bombas e foguetes. Alguns explodiram a poucos metros do barco.

Uma bandeira da Frente Armada de Libertação Nacional foi içada. Começado o ataque, os transmissores do ANZOATEGUI falaram ao mundo: "Aviões norte-americanos nos atacam pretendendo semear terror. Violam assim explícitas leis internacionais e por sua vez violam nossa soberania nacional. É dever de todo patriota repudiar Bettancourt e os agressores".

O ataque aéreo provocou algum pânico entre a tripulação, logo debelado em virtude da intervenção de Medina que falou recomendando serenidade e advertindo contra qualquer excesso.

RUMO AO BRASIL

Diante da situação criada com a presença dos aparelhos norte-americanos, que sobrevoaram permanentemente o barco, os revolucionários decidiram, inclusive para evitar qualquer ação bélica que pudesse pôr em risco a vida dos demais tripulantes, mudar de rota. Orientaram o ANZOATEGUI para as águas brasileiras, onde ingressaram no dia 17. Deitaram âncoras na altura da bôca do Rio Amapá Grande e da ilha de Maracá. Daí radiografaram mensagens para as autoridades brasileiras do território do Amapá e para o presidente João Goulart. Nelas, anunciavam sua disposição de entregar o navio e solicitavam asilo político.

Durante 28 horas permaneceram ancorados, a espera das autoridades brasileiras. Depois que estas chegaram, fizeram a entrega do ANZOATEGUI e foram transferidos para a corveta Solimões. Foram transladados para Belém, de onde, de avião, vieram para o Rio e, depois Friburgo. A partir do momento em que ficaram sob custódia das autoridades brasileiras, permaneceram incomunicáveis, regime que só cessou na tarde do dia 2.

A primeira notícia veio muitas horas depois da tomada do barco pelos revolucionários... ANZOATEGUI CHAMA... ANZOATEGUI CHAMA... ATENÇÃO!... ATENÇÃO!... A mensagem foi captada por diversos navios que cursavam o mar das Caraíbas. Foi ouvida também em Caracas, nos escritórios da companhia armadora do cargueiro.

O "Anzoategui" apresado por um grupo de revolucionários da Frente Armada de Libertação Nacional venezuelana. No dia seguinte, 15 de fevereiro de 1963, o feito era manchete na imprensa de todo o mundo. Jornalistas se deslocaram de diversos pontos para a zona do mar das Caraíbas. Das bases ianques aviões levantaram vôo. Barcos de guerra se aprestavam para a operação de captura.

Depois da primeira mensagem, anunciando ao mundo a operação de captura do barco e os seus objetivos, fêz-se silêncio novamente.

Para onde vai o ANZOATEGUI? Para Cuba... Quem são os seus captores? Comunistas... Piratas, criminosos, devem ser castigados ululava a imprensa de aluguel nos países latino-americanos. Em Caracas, no seu palácio, verdadeira fortaleza, o presidente títere da Standard Oil, o falso democrata Bettancourt, esbravejava, clamava contra os autores da façanha. Afinal de contas, ocorrera o que não lhe interessava de modo algum. O nome Venezuela acompanhava nas manchetes o do barco apresado. Junto com as notícias sôbre a aventura marítima dos revolucionários, informações sôbre a situação política no país que é poço de petróleo e mina de ferro dos grandes monopólios ianques.

Depois, o silêncio foi rompido. Novas mensagens do ANZOATEGUI. Estamos sendo atacados por aviões ianques (a imprensa ocidental e cristã, deu ao fato algumas linhas escondidas). Outras mensagens se seguiram. O ANZOATEGUI entrava em águas brasileiras. Faz-se contato com as autoridades do nosso país. A operação termina na desembocadura do rio Amapá Grande, no território do Amapá, diante da ilha de Maracá. O barco é devolvido à Venezuela e os seus captores são recolhidos a um sanatório em Nova Friburgo, no Estado fluminense, a milhas e milhas distante da terra amada e do povo venezuelano que sofre.

Baixou uma cortina de silêncio sôbre os fatos e os motivos da arrojada operação. Às manchetes dos jornais vieram o nome do tirano Bettancourt, sua viagem aos Estados Unidos, para prestar contas e esmolar junto ao grande patrão.

Silêncio também se fêz, injustificadamente, durante oito dias, em tôrno daqueles nove rapazes (agora já sabemos que são rapazes) autores da façanha.

A imprensa estava vetado ouvir os rebeldes do ANZOATEGUI. E não só à imprensa. Deputados tentaram-no. E não conseguiram. Quem ditava ordens e determinava era o Estado Maior da Armada.

Depois de 8 dias o silêncio se rompeu.

OPERAÇÃO LIBERDADE

No primeiro sábado depois do carnaval nos dirigimos a Nova Friburgo. Alguns jornalistas (nacionais e estrangeiros) acompanhando um grupo de parlamentares. Os deputados Marco Antônio Coelho e Max da Costa Santos, durante a semana, procuraram junto às autoridades do Ministério da Justiça resolver a situação que se estabelecera em relação aos rapazes do ANZOATEGUI. Instaram para que se pusesse fim a uma situação anormal e se restituísse aos captores do barco os direitos correspondentes aos asilados políticos (como é o caso dos criminosos e traidores cubanos que se encontram no Rio). Os deputados Adão Pereira Nunes e Roberto Saturnino Braga também se movimentaram junto às autoridades.

Na quinta-feira, vinha do Itamarati a informação de que os deputados poderiam se avistar livremente com os venezuelanos. Anunciava-se também que as autoridades já estavam providenciando a normalização completa da situação. Na sexta-feira receberam os parlamentares confirmação de que se fôssem a Friburgo avistar-se-iam com os asilados.

No sábado, fêz-se a viagem. Os deputados aos quais nos referimos acima, com exceção de Max da Costa Santos, e mais os jornalistas e o deputado estadual pela Guanabara Sinval Palmeira. Acompanhavam-nos também o deputado venezuelano Hector Mujica, que viera ao Rio se inteirar da situação dos "muchachos del ANZOATEGUI" — como os chamava.

Surprêsa. O diretor do sanatório, capitão-de-mar-e-guerra Renato Campos Martins, cortês, mas inflexìvelmente, revelava seu constrangimento em não poder permitir aos deputados e jornalistas se avistarem com os asilados. Eram ordens. Do Estado Maior, a quem obedecia.

Enquanto o deputado Marco Antônio procurava se comunicar com o ministro da Justiça e com o ministro da Marinha, vinham as primeiras informações. Os jovens estão passando bem. Não dão trabalho. Sua disciplina é impecável.

O deputado Marco Antônio explica a situação ao ministro João Mangabeira. Êste informou que ia se comunicar imediatamente com o ministro da Marinha.

Logo depois o telefone tocava. Era o ministro Suzano que chamava o deputado Marco Antônio ao telefone. Falaram alguns momentos e logo em seguida era chamado ao telefone o diretor do sanatório.

Passaram-se alguns minutos e êste retornava com a notícia.

— Os senhores poderão se avistar com os asilados. A partir dêste momento êles estão em liberdade.

Concluía-se assim a primeira fase da operação liberdade, que veio terminar na Guanabara, na têrça-feira seguinte, dia 6, quando os rapazes receberam seus documentos e a comunicação de que o govêrno do Brasil acolhera oficialmente o pedido de asilo feito quando ainda se encontravam no barco.

ENCONTRO E REVELAÇÃO

Os rapazes se encontravam alojados num pavilhão do sanatório, ótimamente localizado, cercados por um ambiente de extrema beleza. Não nos esperavam, e muito menos a Hector Mujica. Daí a emoção, que não pode ser descrita, com que o receberam, e, por tabela, a nós.

O fato de serem jovens provocou surprêsa. Alguns minutos depois foi possível começar a falar com alguma serenidade.

— Seu nome?

— Canales, Máximo.

Máximo tem 21 anos, é solteiro. Estudante de economia. Como êle também José Mário Pelaez, que estuda engenharia. Carlos Hidalgo tem 22 anos, também é solteiro e estudante de engenharia. Antonio Lopez Sandoval tem 21 anos, é solteiro e gráfico. Tomás Pereira é estudante de engenharia e tem 20 anos, e, Romulo Niño, um dos mais velhos, com 26 anos, também é estudante.

Wismar Medina Rojas, o comandante da operação, 2.º piloto do ANZOATEGUI, tem 28 anos e é solteiro.

Dois do grupo são casados. Juan Hernan Montilla e Carlos Palmas.

Montilla, tem 29 anos e uma filha de ano e meio: Maite.

Com Palmas conversamos mais. Oficial de máquinas da marinha mercante venezuelana, há dois anos estava desempregado (o que não é de estranhar, pois a Venezuela, país com uma população ativa de ..... 3.000.000 de pessoas, tem mais de 600 mil desempregados). Palmas tem quatro filhos. Isto é, quatro filhas: Tiomara, a mais velha, com 4 anos, Luz Marina, Anabel e Anamaria, com 1 ano, a caçula.

Antes de narrarem os fatos do ANZOATEGUI, os rapazes falaram de como tinham sido tratados no sanatório. Alguns fatos que se verificavam em nossa presença confirmavam o que diziam: os fuzileiros navais que custodiavam-nos tinham se tornado seus amigos.

— Boa gente — nos disse um dêles. Ótimos rapazes e assim por diante. E' bastante dizer que quando a guarda se retirou houve uma comovente despedida. Fizeram até uma partida de futebol. Os brasileiros, naturalmente, venceram (3 a 0).

Depois, em Nova Friburgo, Wismar Medina narrou os fatos do ANZOATEGUI.

NOVOS RUMOS